

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO)

IVY MARIEL VALSECCHI

**PRÁTICAS DISCURSIVAS DE OBJETIVAÇÃO/SUBJETIVAÇÃO DO/SOBRE O
IDOSO NA INTERNET**

MARINGÁ - PR 2019

IVY MARIEL VALSECCHI

**PRÁTICAS DISCURSIVAS DE OBJETIVAÇÃO/SUBJETIVAÇÃO DO/SOBRE O
IDOSO NA INTERNET**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM), como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras. Área de concentração: Estudos Linguísticos – Estudos do Texto e do Discurso

Orientador: Prof. Dr. Pedro Luis Navarro Barbosa

MARINGÁ - PR 2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

V214p

Valsecchi, Ivy Mariel

Práticas discursivas de objetivação/subjetivação do/sobre o idoso na internet / Ivy Mariel Valsecchi. – Maringá, PR, 2019.
93 f.: il. color., figs.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Luis Navarro Barbosa.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2019.

1. Foucault, Michel, 1926-1984 - Análise do discurso . 2. Objetivação do idoso - Internet.
3. Subjetivação do idoso - Internet. I. Barbosa, Pedro Luis Navarro , orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDD 23.ed. 401.41

IVY MARIEI. VALSECCHI

**PRÁTICAS DISCURSIVAS DE OBJETIVAÇÃO/SUBJETIVAÇÃO DO/SOBRE O
IDOSO NA INTERNET**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos.

Aprovada em 29 de agosto de 2019.

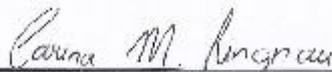
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Pedro Luis Navarro Barbosa
Universidade Estadual de Maringá – UEM
- Presidente -



Prof. Dr. Daniela Polla
Universidade Estadual de Maringá – UEM



Prof. Dr. Carina Mericle Lingnau
Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR

Dedico este trabalho à minha mãe.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Elizabeth, por ser fonte inesgotável de amor; amor que ainda encontra espaço para crescer apesar e independentemente de tudo. É assim que a amo: a despeito de tudo.

Ao meu sobrinho, Felipe, que me enche de coragem para lutar simplesmente pelo fato de existir. O amor mais puro já despertado em mim.

Ao meu irmão, Victor, por me ensinar, mesmo sem saber, que o amor é capaz de se reconstruir, de se reinventar, de renascer. Seguiremos juntos!

À minha grande amiga Fernanda, minha “doguinha”. Companheira fiel há uma década, no trabalho, nos estudos e na vida. Agradeço pelas incontáveis ajudas durante a jornada do mestrado, pelas conversas sobre todos os assuntos possíveis, sempre sinceras, intensas. Amiga que me ajuda a crescer, sempre com uma compreensão e sensibilidades ímpar! Que honra poder compartilhar a mesma era que você! Que privilégio podermos existir no mesmo tempo e espaço! Eu te amo, muito!!

Ao Hudson, por tanto, por tudo. Por ser sempre amor, mesmo que mude!

Ao Leonardo, meu “Leozito”, por tanto amor, e que deu uma injeção de ânimo na etapa final da pesquisa! Juntos somos melhores!

Aos mais especiais amigos com quem tenho a sorte de poder dividir esta vida: Amanda, Giovani e Ludiane (minha Çudinha). Pessoas que, mesmo quando distantes fisicamente, me acompanham sempre: na memória, no coração e nas orações. Amo e sou grata pela vida e amizade de vocês!

Ao Prof. Dr. Pedro Navarro. Sinto-me extremamente abençoada por ter sido sua orientanda. Agradeço pelos ensinamentos, por ser alguém que tem o dom de ensinar com competência e sensibilidade. Agradeço a calma, paciência, leveza e sutileza com que conduziu ao meu lado este trabalho. Uma das pessoas mais sensíveis que já conheci na vida. Serei eternamente grata pela honra de ter sido uma de suas escolhidas.

Aos integrantes do GEF, grupo de estudos que me acolheu com carinho e com quem aprendi muito durante o mestrado. Sou grata a cada um pela troca e pelo compartilhamento de conhecimento.

À CAPES, pelo financiamento desta pesquisa.

Precisamos resolver nossos monstros secretos, nossas feridas clandestinas, nossa insanidade oculta. Não podemos nunca esquecer que os sonhos, a motivação, o desejo de ser livre nos ajudam a superar esses monstros, vencê-los e utilizá-los como servos da nossa inteligência. Não tenha medo da dor, tenho medo de não enfrentá-la, criticá-la, usá-la.

Michel Foucault

RESUMO

O aumento da expectativa de vida, que culminou em uma ampliação expressiva e contínua da população idosa, dá suporte para a produção e a proliferação de discursos em diversos campos, que colocam o sujeito idoso como objeto de um saber e criam regras e práticas de conduta para que se envelheça de forma saudável, ativa e com acesso e domínio às tecnologias. Nesse contexto, a terceira idade passa a constituir um mercado de consumo específico - com investimentos em atividade física, lazer e estética. Desse modo, justifica-se a realização de uma pesquisa que se detenha aos modos pelos quais as práticas discursivas atuais acabam por definir uma nova posição ao sujeito idoso e, ao mesmo tempo, se articulam a práticas que ainda o posicionam no lugar do idoso inerte, doente e alheio às tecnologias. O objetivo é analisar, por meio da série enunciativa mobilizada, os processos de objetivação e subjetivação do idoso criados discursivamente em portais e blogs que abordam temas voltados à terceira idade, alimentados tanto por profissionais de diversos campos do saber quanto pelos próprios idosos. De maneira específica, busca-se mostrar quais saberes e poderes atravessam, ao mesmo tempo em que constituem, os discursos acerca do sujeito idoso, bem como refletir sobre como determinadas práticas discursivas do/sobre o processo de envelhecimento objetivam/subjetivam o idoso. Esta pesquisa de mestrado está embasada em uma abordagem discursiva, nos postulados teóricos-metodológicos desenvolvidos pelo filósofo Michel Foucault, que concebe o discurso como prática e envolve a busca pelo entendimento da construção dos saberes na sociedade, sua relação com o poder, bem como a subjetivação dos sujeitos. No interior de uma formação social, o filósofo estudou as relações que os enunciados mantêm entre si e com acontecimentos históricos, políticos, sociais, bem como de que modo as verdades, os sujeitos e os objetos são construídos por meio de discursos. No trabalho, são mobilizados conceitos considerados cruciais, desenvolvidos nas três fases da jornada foucaultiana: poder, dispositivo, enunciado, governamentalidade, objetivação e subjetivação. Para tanto, é preciso, no momento da análise dos discursos investigados, levar em conta que o sujeito idoso é atravessado por relações de poder/saber - o que implica ainda considerar o estatuto da história empreendida por Foucault, com suas descontinuidades, rupturas e deslocamentos que incidem sobre a constituição do sujeito contemporâneo. O trabalho consiste na análise de sequências enunciativas recortadas de portais e blogs voltados exclusivamente para este público, alimentados tanto por profissionais de áreas diversas quanto pelos próprios idosos - nesse caso, importa destacar que, em alguns desses espaços, os idosos responsáveis pelos sites também reproduzem conteúdos publicados por outros veículos e por outros profissionais. No movimento de análise, observou-se que as publicações apontam para uma objetivação do sujeito idoso que deve buscar um envelhecimento saudável e ativo - nota-se uma regularidade que aponta para um enunciado de que o idoso precisa ser ativo, cuidar da aparência, tanto de forma a assumir traços característicos da velhice quanto ao buscar neutralizar os efeitos do tempo-, ou seja, há práticas discursivas que estabelecem o que se espera desse sujeito para que se configure no ideal de um idoso da contemporaneidade. Entretanto, ao acionar a memória discursiva, observa-se que, nos discursos, são retomados saberes e objetivações históricos que demonstram que, ao mesmo tempo em que circula a importância de se deixar para trás uma visão estereotipada do sujeito idoso, tal concepção é reforçada. Nesse jogo de forças e poderes, observa-se que o sujeito idoso ora assume as práticas que o enquadram em um padrão de idoso atual, quando publica nos suportes digitais conteúdos que o insiram

nessas práticas, ora as rejeita, constituindo, portanto, sua subjetividade, a partir das duas objetivações: a de um “velho” e “novo” idoso.

Palavras-chave: Análise discursiva foucaultiana; Idosos; Objetivação; Subjetivação; Internet.

ABSTRACT

The increase in life expectancy, which culminated in a significant and continuous expansion of the elderly population, supports the production and proliferation of discourses in various fields, which place the elderly subject as an object of knowledge and create rules and practices of conduct so that they age healthily, actively and with access to and mastery of technologies. In this context, the elderly becomes a specific consumer market - with investments in physical activity, leisure and aesthetics. Thus, it is justified to carry out a research that focuses on the ways in which current discursive practices end up defining a new position for the elderly subject and, at the same time, are articulated to practices that still position them in the place of the inert elderly, sick and unaware of the technologies. The objective is to analyze, through the enunciative series mobilized, the processes of objectification and subjectivation of the elderly created discursively in portals and blogs that address issues related to the elderly, fed both by professionals from various fields of knowledge and by the elderly themselves. Specifically, it seeks to show which knowledge and powers go through, at the same time that they constitute, the discourses about the elderly subject, as well as reflect on how certain discursive practices of/about the aging process aim / subjectivize the elderly. This master's research is based on a discursive approach, in the theoretical-methodological postulates developed by the philosopher Michel Foucault, which conceives discourse as practice and involves the search for understanding the construction of knowledge in society, its relationship with power, as well as the subjectivation of subjects. Inside a social formation, the philosopher studied the relations that the enunciations maintain among themselves and with historical, political and social events, as well as how truths, subjects and objects are constructed through discourses. In the work, concepts considered crucial are mobilized, developed in the three phases of the Foucauldian journey: power, device, enunciation, governmentality, objectification and subjectivation. Therefore, it is necessary, at the time of the analysis of the investigated discourses, to take into account that the elderly subject is crossed by power/know relationships - which also implies considering the status of history undertaken by Foucault, with its discontinuities, ruptures and displacements that affect the constitution of the contemporary subject. The work consists of the analysis of enunciative sequences cut out of portals and blogs aimed exclusively at this audience, fed both by professionals from diverse areas and by the elderly themselves - in this case, it is important to highlight that, in some of these spaces, the elderly responsible for the sites also reproduce content published by other vehicles and by other professionals. In the movement of analysis, it was observed that publications point to an objectification of the elderly subject who must seek a healthy and active aging - it is noted a regularity that points to a statement that the elderly need to be active, care for the appearance, both in order to assume characteristic features of old age and seek to neutralize the effects of time-, that is, there are discursive practices that establish what is expected of this subject to configure the ideal of an elderly contemporary. However, when activating the discursive memory, it is observed that, in the discourses, knowledge and historical objectives are retaken that demonstrate that, at the same time that the importance of leaving behind a stereotyped vision of the elderly subject circulates, this concept is reinforced. In this play of forces and powers, it is observed that the elderly subject sometimes assumes the practices that fit him in a current elderly standard, when he publishes in digital media content that insert him in these practices, sometimes rejects

them, constituting, therefore, his subjectivity, from the two objectives: that of an "old" and "new" elderly.

Keywords: Discourse analysis Foucaultiana; Elderly; Objectification; Subjectivity; Internet.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1 A HISTÓRIA PELO VIÉS FOUCAULTIANO.....	13
2 PROCESSOS DE OBJETIVAÇÃO E SUBJETIVAÇÃO.....	25
3 PARA ALÉM DA TEORIA: O MÉTODO FOUCAULTIANO.....	39
3.1 A operacionalização de uma análise.....	44
4 PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO E OBJETIVAÇÃO DO/SOBRE O IDOSO NA INTERNET: ANÁLISE DOS PORTAIS E BLOGS	53
4.1 Sequências enunciativas Eixo Saúde.....	59
4.2 Sequências enunciativas Eixo Estética.....	71
4.3 Sequências enunciativas Eixo Sexualidade.....	80
CONSIDERAÇÕES.....	86
REFERÊNCIAS.....	89

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como tema as práticas discursivas de objetivação e de subjetivação do e sobre o idoso na internet (portais e blogs). Atualmente, a discussão sobre o idoso e o processo de envelhecimento é muito cara à sociedade, que assiste a um crescimento vertiginoso de pessoas com mais de 60 anos. Tendo em vista o aumento da população idosa e os discursos que circulam a respeito desses sujeitos, empreende-se, neste trabalho, uma jornada teórico-reflexiva-analítica, buscando em Michel Foucault os aparatos teóricos e metodológicos para se pensar a constituição discursiva do sujeito idoso.

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - Características dos Moradores e Domicílios, divulgada em abril de 2018 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE¹), a população brasileira manteve a tendência de envelhecimento dos últimos anos e ganhou 4,8 milhões de idosos desde 2012. Em 2030, o número de idosos deve superar o de crianças e adolescentes de zero a quatorze anos.

Ainda conforme o IBGE, em estudo publicado em 2016², a diminuição das taxas de fecundidade e mortalidade, além de mudanças nas configurações familiares, a exemplo da entrada maciça das mulheres no mercado de trabalho, mudaram o perfil etário da população, apontando para um processo de envelhecimento no país.

Em outubro de 2018, o Ministério da Saúde divulgou dados inéditos sobre o perfil de envelhecimento no Brasil. Denominado “Estudo Longitudinal da Saúde dos Idosos Brasileiros (Elsi-Brasil)³”, o trabalho faz parte de uma rede internacional de grandes estudos longitudinais sobre o envelhecimento e apresenta informações sobre a maneira pela qual tem se configurado o envelhecimento da população, bem como os principais determinantes sociais e de saúde. O objetivo é fornecer subsídios para a construção e adequação de novas políticas públicas para fortalecer a saúde do idoso. Além disso, o Ministério da Saúde disponibilizou pela primeira vez um documento⁴ para orientar a implementação de linha de cuidado integral às pessoas idosas no Sistema Único de Saúde (SUS). Com o documento,

¹ Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>. Acesso em: 15. out.2018.

² Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv97884.pdf>. Acesso em: 15. out.2018.

³ Disponível em: <http://elsi.cpqrr.fiocruz.br/>. Acesso em: 15. out.2018.

⁴ Disponível em:

https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/Brasil_Amigo_Pesso_Idosa/Orientacoes_Implementacao_Linha_Cuidado_AtencaoIntegral_Saude_Pessoa_Idosa_SUS.pdf. Acesso em: 15. out.2018.

acessível para consulta pública em 2017 e finalizado em 2018, o objetivo é que o profissional de saúde deixe de olhar somente para a doença e invista nas necessidades dos idosos, a partir do diagnóstico de vulnerabilidades sociais, independência, autonomia e estilo de vida.

Nesse contexto, a terceira idade passa a constituir um mercado de consumo específico - com investimentos em atividade física, lazer e estética. Desse modo, as pesquisas que se dedicam a tal temática se tornam cada vez mais necessárias em todos os campos do saber. No presente trabalho, adota-se uma perspectiva discursiva norteada pelos pressupostos teóricos-metodológicos do filósofo Michel Foucault. Em tempos em que se observa uma proliferação de discursos em todos os campos do saber e há um descrédito generalizado nas organizações sociais e governamentais, é possível considerar que os estudos empreendidos por Foucault se tornam ainda mais atuais e, para além disso, necessários, à medida que permitem questionar e problematizar o funcionamento de tais organizações e instituições, os motivos pelos quais circula um discurso e não outro, e de que forma isso contribui para a constituição do sujeito idoso moderno.

O aumento da população idosa abre espaço para a proliferação e a circulação de uma gama de discursos sobre a terceira idade e de denominações para fazer referência aos idosos: terceira idade, novo idoso e melhor idade, por exemplo. Observa-se, ainda, que a valorização do sujeito idoso passa pela manutenção da juventude, em discursos como "juventude eterna" ou "jovem aos 60". Tais discursos rompem com posicionamentos tradicionais sobre essa população e apontam para uma descontinuidade do saber que se tinha até então sobre o que é ser idoso e sobre a maneira pela qual a velhice se constitui. A circulação do discurso do "envelhecimento/idoso ativo e saudável" marca uma descontinuidade no saber sobre esses sujeitos - especialmente a do saber médico, que atua e incide sobre a vida do idoso a partir de prescrições comportamentais, em seus modos de reger suas vidas.

Recorrendo à Courtine, Gregolin (2003) destaca que as pesquisas devem devolver à discursividade sua densidade histórica - o que só é possível por meio da descrição histórica de práticas e séries de enunciados; a articulação entre língua e história no caminho apontado por Foucault. Diante disso, importa lembrar que, na perspectiva foucaultiana, parte-se, fundamentalmente, de um problema do presente para construir a história. A análise, conforme Foucault (2006), é encaminhada a partir de uma questão atual. Assim, não se busca uma origem fundadora sobre uma questão em análise; o intuito é construir uma história do presente, estabelecendo conexões com outras épocas, o que permite entender os motivos pelos quais um discurso, um enunciado circula e não outro, e de que forma isso contribui para a

constituição do sujeito e para reger seus modos de vida. O discurso, portanto, passa a existir quando da articulação entre uma materialidade linguística e/ou imagética, com a história (NAVARRO, 2009).

Diante de tais considerações, apresenta-se Foucault como um importante teórico para que seja possível discutir e problematizar os modos de constituição do idoso atual. Pensar com e a partir de Foucault é, fundamentalmente, fazer emergir uma possibilidade outra; questionar saberes hierarquizados; relativizar a verdade; buscar problematizar e descrever o porquê de algo se tornar alvo de um dado saber. O pensamento de Foucault esteve sempre direcionado à libertação das evidências, da verdade dada como natural, absoluta; o teórico negou o entendimento dos acontecimentos como unidades históricas coesas e preestabelecidas, se afastando, assim, da ideia de uma História Geral/Global, buscando descrever unidades, mas não de forma aleatória e sim a partir de escolhas concretas.

Com base no pressuposto foucaultiano de que não há exercício de poder sem a constituição de um saber (FOUCAULT, 2010), pode-se entender que, a partir do contexto sócio histórico do envelhecimento populacional e de seus múltiplos desdobramos, questões pertinentes ao envelhecimento e à velhice vêm sendo incorporadas à rede de discursos, poder e saber.

Tendo em vista a temática desta pesquisa, importa considerar ainda que o envelhecimento populacional acompanha outra tendência: o uso crescente da tecnologia. Em apenas quatro anos, o número de idosos conectados passou de 8% (2012) para 19% (2016), de acordo com o Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br)⁵. Esses números são referendados por uma pesquisa do Instituto Locomotiva, que indica que 5,2 milhões de pessoas acima dos 60 anos utilizam a internet - ou 21% de brasileiros da terceira idade. Assim, observa-se a produção e a disseminação de discursos e espaços voltados aos idosos, que visam mantê-los ativos e saudáveis, distantes, portanto, cada vez mais, da concepção convencional de idoso doente, inerte e dependente. Tais espaços incluem, por exemplo, portais e blogs voltados exclusivamente para este público, alimentados tanto por profissionais de áreas diversas quanto pelos próprios idosos - nesse caso, importa destacar que, em alguns desses espaços, os idosos responsáveis pelos sites também reproduzem conteúdos publicados por outros veículos e por outros profissionais. Dessa forma, justifica-se a realização de uma pesquisa cuja proposta é analisar os processos de objetivação e de subjetivação do/sobre o idoso na internet, para descrever as maneiras

⁵ Disponível em: <https://www.nic.br/noticia/na-midia/idosos-apostam-na-tecnologia-para-se-relacionar-e-abandonar-a-solidao/>. Acesso em: 15. out.2018.

pelas quais estes são objetivados e se subjetivam - ao aceitar, negar e se apropriar dos diferentes modos de objetivação para se constituírem como sujeitos.

O aumento da expectativa de vida promoveu modificações em diferentes campos do saber. Assim, considera-se necessário questionar a história, descontínua e constituída por temporalidades diversas. Voltar o olhar para a história proposta por Foucault (2008) pressupõe observar como se constituem os dizeres e os saberes sobre o processo de envelhecimento e sobre o que é ser idoso, construídos e disseminados por documentos, instituições e profissionais legitimados como referências desse saber. Assim, a multiplicidade de efeitos gerados no curso e no discurso da história é agenciada por enunciados empregados a partir de diferentes posições-sujeito que acabam por determinar como esses sujeitos pensam, agem e se relacionam, produzindo regimes de verdade e, portanto, objetivando o idoso, que se subjetiva a partir de tais objetivações.

Dessa forma, questiona-se: como se dá, discursivamente, a objetivação e a subjetivação dos idosos na internet (portais e blogs)? A subjetivação do sujeito idoso nesses espaços corresponde à objetivação construída nos discursos que circulam sobre ele? Quais relações de saber e poder atravessam e constituem o idoso nesses discursos?

Para essa tarefa analítica, traçou-se como objetivo geral: analisar, por meio da série enunciativa mobilizada, os processos de objetivação e de subjetivação do idoso criados discursivamente em sites e blogs que abordam temas voltados à terceira idade, alimentados tanto por profissionais de diversos campos do saber quanto pelos próprios idosos - há casos em que o conteúdo é produzido pelo idoso e outros em que ele reproduz informações de outros veículos e profissionais. De modo específico, o trabalho busca: (1) mostrar quais saberes e poderes atravessam, ao mesmo tempo em que constituem, os discursos acerca do sujeito idoso; (2) refletir sobre como determinadas práticas discursivas do/sobre o processo de envelhecimento objetivam/subjetivam o idoso.

Para o cumprimento dos objetivos da pesquisa, definiu-se de forma randômica uma série enunciativa para a análise composta por portais/blogs direcionados aos idosos, com vistas a abarcar a regularidade na dispersão de enunciados sobre os sujeitos idosos (FOUCAULT, 2008). Tendo em vista a quantidade de assuntos tratados em tais espaços virtuais, e fundamentados pelo entendimento foucaultiano de que em meio a dispersão se encontram regularidades, norteia-se a série enunciativa em torno de três eixos com temáticas regulares identificadas nos suportes selecionados, a saber: Saúde/Idoso Ativo; Estética e Sexualidade. Para tanto, dessa série, selecionaram-se os enunciados que compõem as

sequências enunciativas correspondentes a cada eixo temático. Os suportes selecionados para análise são: **(1) Portal do Envelhecimento; (2) Viver depois dos 50; (3) 50 e mais - Vida adulta inteligente; (4) Viva a Velhice.** As características a respeito de cada um são elencadas no capítulo 4 do presente trabalho.

Sendo assim, para este empreendimento, divide-se este estudo em quatro capítulos. No primeiro, intitulado **A história pelo viés foucaultiano: um percurso discursivo sobre o envelhecimento**, traça-se um panorama sobre a velhice, o processo de envelhecimento e o sujeito idoso, sob perspectivas filosófica, antropológica e médica, que constituem uma base importante para que se possa, posteriormente, pensar a constituição deste sujeito de forma discursiva. Para isso, é preciso trilhar o caminho da história concebida por Foucault, observando que os dizeres e os saberes sobre a velhice se constituem em relações atravessadas por mecanismos de poder/saber e que os modos de constituição do idoso atual são regidos por um movimento de ir e vir histórico, tendo em vista que novos saberes são construídos com base em construções e transformações históricas, ao mesmo tempo em que o passado sempre se atualiza em fatos do presente e também contribui para os modos de subjetivação atual.

No capítulo seguinte, denominado **Processos de objetivação e subjetivação**, dedica-se a um aprofundamento das discussões sobre os conceitos de objetivação/subjetivação, tendo em vista que tais noções são norteadoras da presente pesquisa. No terceiro capítulo, **Para além da teoria: o método foucaultiano**, expõem-se as noções consideradas essenciais para a tarefa que se pretende cumprir.

No quarto capítulo, intitulado **Processos de subjetivação e objetivação do e sobre idoso na internet: análise dos portais e blogs**, apresentam-se reflexões sobre o discurso na web, bem como é exposto o caminho percorrido para a constituição do *corpus* e a análise propriamente dita.

1 A HISTÓRIA PELO VIÉS FOUCAULTIANO: UM PERCURSO DISCURSIVO SOBRE O ENVELHECIMENTO

Empreender uma análise de práticas discursivas que objetivam e subjetivam o idoso implica o entendimento de que o sujeito é atravessado pela/na história - que constrói redes de significação sobre a velhice. Portanto, para que se possa pensar a constituição do sujeito idoso a partir de uma perspectiva discursiva de orientação foucaultiana, é crucial considerar a história da forma que fora pensada por Foucault. É a partir das noções de descontinuidade, ruptura e irregularidade que o teórico deixa seu legado para essa reflexão. Conforme Foucault (2008), só é possível conceber a história a partir de uma materialidade, ou seja, daquilo que efetivamente é dito e feito e, para muito além de uma história cronológica, das origens e da busca por uma sucessão coesa dos fatos, o convite deste teórico é para que se construa uma história do presente, a partir de rastros, fragmentos e recortes. Desse modo, por meio de um permanente retorno e articulação de fatos do presente com o passado se dá a constituição de novos saberes e práticas, que, por sua vez, produzem diferentes formas de objetivação e subjetivação.

Compreender o processo de envelhecimento se configura como um desafio constante diante de uma sociedade cuja expectativa é viver cada vez mais. A institucionalização da aposentadoria e os novos saberes médicos acerca do idoso criaram condições para repensar esta fase da vida. A improdutividade decorrente do tempo de trabalho e instaurada pela aposentadoria é modificada pela inserção do idoso como alvo de um mercado de consumo emergente. Segundo Debert (1999), com a institucionalização generalizada das aposentadorias - e as consequências econômicas da universalização deste sistema - a velhice se configurou como uma questão coletiva, sendo que o Estado passou a se responsabilizar por um número maior de sujeitos. Diante disso, foram criados regulamentos e serviços próprios aos idosos - apresentando-se a noção de terceira idade, com a substituição da ideia de solidão, isolamento e invalidez, por lazer, novos hábitos e habilidades.

De acordo com Peixoto (1998), o termo idoso, que compreende indivíduos acima de 60 anos, foi criado na França, em 1962, substituindo termos como velho e velhote, tendo sido adotado no Brasil pouco tempo depois. O termo "terceira idade", por sua vez, surge para designar mais respeitosamente os jovens aposentados, e se refere a uma nova fase do ciclo da vida, entre a aposentadoria e a velhice, sendo sinônimo de envelhecimento ativo e independente. A respeito disso, a autora discorre que "a terceira idade converte-se em uma

nova etapa da vida, em que a ociosidade simboliza a prática de novas atividades sob o signo do dinamismo" (PEIXOTO, 1998, p.76). Ainda segundo a autora, o termo não surge simplesmente para substituir o termo "velhice", mas sim como consequência do aparecimento de instituições e de agentes especializados no tratamento da velhice, que prescrevem a esse grupo controle alimentar, exercícios físicos, mas também a participação em práticas sociais, culturais e psicológicas.

Os dados que projetam a aceleração do envelhecimento têm, portanto, consequências nos setores econômicos e sociais, o que faz com que estes busquem repensar e reconfigurar as condições de vida do sujeito idoso e os lugares que eles ocupam na sociedade, posto que a velhice deixou de ser apenas objeto de intervenção do saber médico, que atuava sobre esse corpo a partir do entendimento de que esta etapa da vida exigia cuidados específicos para afastar o maior número possível de patologias consideradas naturais.

De acordo com Soares (2005), a gerontologia aborda a velhice e o envelhecimento a partir da compreensão de que se trata de um desgaste biológico natural, geral, gradual, e com desdobramentos psicossociais. O autor pontua que tal especialidade está centrada no eixo orgânico e fisiológico para descrever as manifestações dos fenômenos do envelhecimento com base em uma cronologia estritamente definida, limitada no tempo e com a maior exatidão possível. Portanto, apresenta-se somente de forma descritiva e parcial, em consequência da medicalização da velhice. O autor argumenta que, por se basear no processo de declínio biológico e considerar o psicológico e o social apenas um efeito desse declínio, a gerontologia entende que as pessoas estão sujeitas ao processo de envelhecimento em direção à morte. Frente a isso, propõe-se, por meio da especialidade, medidas adaptativas e preventivas, como as atividades de lazer. Nessa percepção, conforme Soares (2005), há um saber padronizado sobre o idoso, que o coloca como vítima marginalizada da sociedade. O autor explica que a abordagem social tem caráter político-ideológico e circunscreve em seu campo as representações, atitudes e condutas coletivas que essa marginalização suscita em diferentes culturas, bem como as questões econômicas para a subsistência de uma população que está aumentando - o que gera um custo social. Pelos padrões de um processo de declínio biológico normal, contextualizado em determinada cultura e sociedade, define-se o que é do campo da senescência - o estudo do processo do envelhecimento - e o que é do campo patológico denominado senilidade, responsabilidade da geriatria. Nesse sentido, as patologias dos considerados velhos são tidas como consequência das alterações morfológicas e funcionais do processo de envelhecimento: o desgaste biológico aproxima a velhice da doença e, portanto, a

prevenção da doença é a prevenção da velhice (SOARES, 2005). Tais considerações, conforme este autor, criam a ilusão do idoso como aquele que ocuparia uma posição de sujeito universal, generalizado pela ciência, em função dos fatores fisiológicos correspondentes.

Segundo Schneider e Irigaray (2008), o envelhecimento costuma ser associado a doenças e a perdas e é, na maioria das vezes, entendido como apenas um problema médico, ainda ligado à deterioração do corpo e à incapacidade. Com base em Debert (1999), eles destacam que a velhice começou a ser tratada como uma etapa da vida caracterizada pela decadência física e ausência de papéis sociais a partir da segunda metade do século XIX, sendo que o avanço da idade se estabeleceu como um processo contínuo de perdas, que daria uma identidade de falta de condições aos idosos, sendo, portanto, responsável por atribuir conotações negativas à velhice. A respeito disso, os autores entendem que:

As concepções de velhice nada mais são do que resultado de uma construção social e temporal feita no seio de uma sociedade com valores e princípios próprios, que são atravessados por questões multifacetadas, multidirecionadas e contraditórias. Na época contemporânea, florescer do século XXI, ao mesmo tempo em que a sociedade potencializa a longevidade, ela nega aos velhos o seu valor e sua importância social. Vive-se em uma sociedade de consumo na qual apenas o novo pode ser valorizado, caso contrário, não existe produção e acumulação de capital. Nesta dura realidade, o velho passa a ser ultrapassado, descartado (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008, p. 587).

O valor ainda negativo que recai sobre as pessoas idosas é fortalecido, conforme os autores, pela ênfase contemporânea na juventude, na beleza, na autonomia e na independência. Assim, "ser velho" assume uma conotação negativa, remetendo à perda de atributos tão valorizados pela sociedade e pelo próprio idoso. Embasados em Berger (1994), Schneider e Irigaray (2008) destacam que muitos têm uma percepção negativa sobre a velhice, entre outros, pois interagir com velhos é lembrar-se da proximidade com a morte. Assim, o preconceito serviria como fator protetor, porque manteria afastadas as ideias de declínio e de morte, pois, ao mesmo tempo em que as pessoas querem viver muito, não querem ficar velhas nem ter a aparência de uma pessoa idosa. Além disso, de acordo com Schneider e Irigaray (2008), determinar o início da velhice é uma tarefa difícil, pois há diferenças significativas entre os idosos, e o processo de envelhecimento se constrói de modos distintos, sendo que a própria existência de múltiplas palavras para nomear a velhice

demonstra o quanto esse processo é complexo, negado, evitado e temido. A idade, segundo os autores, é um fato pré-determinado, mas o tratamento dado aos idosos depende de características individuais, pois o envelhecimento humano “é entendido como um processo influenciado por diversos fatores, como gênero, classe social, cultura, padrões de saúde individuais e coletivos da sociedade” (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008, p. 589). A idade cronológica, nesse sentido, deixa de ser um parâmetro preciso para as mudanças que acompanham o envelhecimento, sendo considerada apenas um padrão de contagem dos anos, tendo em vista que existem variações de diferentes intensidades relacionadas ao estado de saúde, participação e níveis de independência entre pessoas da mesma idade. Como acentuam os autores, “o envelhecimento humano pode ser compreendido como um processo complexo e composto pelas diferentes idades: cronológica, biológica, psicológica e social” (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008, p. 589).

Santos e Lago (2016) entendem que a problematização sobre a velhice no campo das ciências sociais e humanas é baseada na maneira pela qual ela foi tratada durante a história e os discursos que a enunciaram como questão objetivável de controle e de gestão dos corpos e das populações.

Se em determinados estratos históricos o envelhecimento foi considerado a fatalidade de um estágio biológico natural que representava o declínio das funções vitais, em outros contextos, mais contemporâneos, as fases avançadas da vida passam a ser reinvestidas de significados que positivam os corpos envelhecidos, produzindo sujeitos dotados de capacidade produtiva (SANTOS; LAGO, 2016, p. 135).

Entretanto, se esse "declínio", em alguns contextos históricos, significava algo inevitável e lamentável; em outros, se transforma em alvo de atenção a si mesmo, vigilância e negação da própria finitude. O que é considerado decadente depende de como cada grupo social produz valorações sobre os sujeitos. Em uma sociedade ocidental, moderna e capitalista, que valoriza a juventude, o corpo produtivo e alguns padrões normativos de beleza, o que se busca é evitar a velhice (ORTEGA, 2008, apud SANTOS; LAGO, 2016).

Segundo os autores, de maneira geral, a velhice situa-se em um campo que inclui discussões sobre corpo, família, solidão, qualidade de vida, saúde, espaços público e privado, morte e finitude.

Esses temas surgem socialmente, ora como algo a ser evitado, preferível que seja silenciado, ora como objeto de investimento político por parte de movimentos sociais, das políticas públicas e da própria dinâmica do

mercado. Nota-se uma tensão entre discursos, alguns que enunciam a velhice como uma dramática fase da vida, outros que exaltam essa faixa etária como um momento de descanso do trabalho, de desfrute dos prazeres que não se pôde ter durante a vida, e de se viver o que se tem chamado de a "melhor idade". Essa confluência de discursos surge a partir de deslocamentos históricos em relação às formas de se representar a velhice e à construção da ideia de que a camada da população com mais idade deve ser alvo de preocupação e gestão social (SANTOS; LAGO, 2016, p. 136).

Recorrendo à Debert (1999), os autores destacam que os estudos contemporâneos sobre a velhice são marcados por dois modelos opostos: no primeiro, busca-se apontar para a situação de abandono a qual o idoso é relegado. Esse modelo é criticado por alimentar estereótipos da velhice como um período de retraimento decorrente de doenças e de pobreza, uma situação de dependência que legitima as políticas públicas, baseadas na visão do idoso como alguém doente, isolado, abandonado pela família e pelo Estado.

No segundo modelo, toma-se os idosos como ativos, redefinindo sua experiência e se afastando dos estereótipos. De modo extremo, esse modelo rejeita a própria ideia de velhice, ao considerar que a idade não é um marcador pertinente na definição das experiências vividas. Além disso, esse modelo dá força aos discursos interessados em transformar o envelhecimento em um novo mercado de consumo, prometendo que a velhice pode ser eternamente adiada por meio da adoção de um estilo de vida adequado.

Esses dois modelos sobre os quais se centram os estudos a respeito do envelhecimento mostram que o olhar contemporâneo para a velhice se compõe a partir de uma sobreposição de saberes e visões definidoras do objeto "velho" e, por consequência, da própria noção de corpo. Essas visões, que variam entre um cientificismo, uma moralidade do corpo e uma racionalidade de controle, produziram-se a partir de diversos enunciados sobre a velhice, sobre o envelhecimento e sobre o corpo (SANTOS; LAGO, 2016, p. 136).

Também com base em Debert (1998), Santos e Lago (2016) reiteram que a velhice não pode ser tomada como uma categoria natural e universal, já que, para a antropóloga, os conceitos sobre a velhice, a posição social dos idosos e o tratamento que recebem dos jovens têm significados específicos, de acordo com contextos históricos, sociais e culturais.

De acordo com os estudiosos, os modos de classificação de indivíduos com base na idade cronológica estabelecem relações de poder que ganham força a partir da naturalização e da homogeneização da velhice. Isso porque, se, por um lado, envelhecer é uma condição biológica, por outro, a experiência do envelhecimento é uma construção discursiva que tem

como efeito a constituição de subjetividades heterogêneas. Contudo, o corpo envelhecido - fator biológico - é também habitado por múltiplos discursos, e

ele só ganha materialidade e inteligibilidade a partir de seus agenciamentos de enunciação. Portanto, nem mesmo o fato biológico do envelhecimento pode ser tomado como algo exterior aos regimes discursivos, uma vez que é no interior deles mesmos que se produzem realidades bem concretas, como a estigmatização, a exclusão e o abandono, por um lado, e o investimento de tecnologias que mascaram a existência de um corpo que se transforma, por outro (SANTOS; LAGO, 2016, p. 137).

A partir dessas considerações, é possível refletir, tendo em vista a temática desta pesquisa, que no entremeio dessas duas formas contemporâneas de se vivenciar a velhice se encontram as diversas posições-sujeito possíveis a cada idoso. No terceiro volume de *A História da Sexualidade*, quando aborda o cuidado de si, Foucault (2005, p. 54) destaca que “não há idade para se ocupar consigo”. De acordo com Foucault (2005), a “cultura de si” é entendida como um movimento de intensificação e de valorização das relações de si para consigo. O princípio do cuidado de si, conforme o filósofo, a ocupação consigo mesmo, constitui-se como uma atitude, um comportamento baseado em procedimentos e em práticas e “proporcionou, enfim, um certo modo de conhecimento e a elaboração de um saber” (FOUCAULT, 2005, p. 50). Afastada da ideia de um exercício de solidão, a técnica de si é, ao contrário, uma prática social, que se apoia em um feixe de relações habituais. Nesse sentido, torna-se possível refletir que a constituição da subjetividade do idoso atual se dá quando ele adota para si condutas próprias de envelhecimento, de acordo com suas preferências e a despeito de estereótipos contra os quais se luta ou modelos nos quais a sociedade busca enquadrá-los: um idoso pode escolher se isolar, não por estar doente, bem como pode optar por frequentar festas e utilizar as novas tecnologias, por exemplo.

O aumento no número de idosos e a consequente atenção que tem se voltado a esses sujeitos culminou em uma implosão de discursos sobre a constituição de um “novo idoso”, que agora se encontra categorizado como uma entidade demográfica, uma população. Ortega (2008) pontua que quanto mais se for jovem e cuidar da saúde, ou seja, quanto mais o indivíduo reger sua vida baseado pelos saberes e poderes da racionalidade médica ocidental, mais será acolhido socialmente. O autor destaca também que tudo o que é passível de ser vivido está submetido a um filtro moral, que disciplina e ordena os corpos e funciona como um apelo para se buscar a juventude permanentemente.

Polla e Navarro (2013⁶) discorrem que, atualmente, circulam em diversos meios midiáticos discursos sobre os idosos, muitas vezes tomados como a “melhor idade”; discursos atravessados por práticas de poder/saber de variados campos que acabam por construir uma imagem discursiva de um sujeito idoso que se mantém ativo após a aposentadoria. Frente a isso, muitos meios passaram a denominar o ciclo da vida após os sessenta anos como sendo o melhor, pois fazem acreditar que a aposentadoria - aliada a inovações no campo farmacêutico e da educação física, por exemplo, permitiria que os idosos aproveitassem a vida ao máximo. Entretanto, de acordo com os pesquisadores, essa visão de “melhor idade” ainda não se consolidou, pois nem todos os discursos que circulam na mídia atualmente compartilham dessa concepção e acabam, portanto, por construir outra representação discursiva dos sujeitos idosos.

Conforme Navarro e Bazza (2012), os discursos produzidos sobre os indivíduos da terceira idade revelam certa regularidade e evidenciam um trabalho de (re)construção da identidade desses sujeitos, que é tida como nova, quando se consideram as formas de denominação emergentes na sociedade contemporânea, das quais a fórmula “melhor idade” é representativa. De acordo com os autores, essa “nova” identidade é produzida a partir da mobilização de memórias oriundas de várias formações discursivas e tem a mídia como uma superfície de emergência que faz circular discursos que acabam por classificar esse sujeito.

A afirmação da existência de um “novo idoso” possibilita questionamentos sobre a coincidência ou não dessa identidade com a vida dos indivíduos. Apesar de dificilmente localizável, a informação requerida toca uma questão muito debatida por Foucault: a da verdade desse discurso. Entretanto, pensar com esse autor implica um redirecionamento dessa pergunta. Tal como ele se questiona sobre o que é feito do homem hoje, caberia perguntar, em um processo metonímico, o que é feito do idoso hoje e o que está em jogo para que ele seja/esteja assim? (NAVARRO; BAZZA, 2012, p.146).

Para buscar respostas a questões como essas e investigar os processos de objetivação e subjetivação que incidem sobre o idoso, é preciso, conforme orientou Foucault (2008), se distanciar do projeto de uma história global. Nesse sentido, segundo o filósofo, as atenções se voltam não mais às unidades descritas como “épocas” ou “séculos”, mas aos fenômenos de ruptura, isto é, as grandes continuidades do pensamento dão espaço às interrupções. De acordo com o teórico, afastar-se da concepção tradicional de uma história linear e homogênea implica introduzir os conhecimentos em um tempo novo, sem a pretensão de buscar as motivações iniciais a respeito de um fato histórico, mas investir tais fatos de novas formas de

⁶ Disponível em: <http://www.dle.uem.br/conali2013/trabalhos/389t.pdf>. Acesso em: 20.jun.2019.

pensamento, em seus múltiplos efeitos. Desse modo, a proposta de Foucault (2008) é mostrar que a história não se apresenta meramente como um campo de racionalidade crescente, mas com diversos campos de constituição e validade.

Nessa forma de observar a história, de acordo com Foucault (2008), há as distribuições recorrentes, que fazem aparecer vários passados, formas de encadeamento, níveis de importância, redes de determinações para uma mesma ciência, à medida que o presente se altera. Diante disso, a ordem das descrições históricas ocorre pela atualidade do saber, se multiplicam com suas transformações, sem deixar, por sua vez, de romper também com elas próprias.

O grande problema colocado diante das análises históricas, discorre Foucault (2008), não é mais saber os caminhos que permitiram que as continuidades fossem estabelecidas, as maneiras que perpetuaram um único projeto, pois o problema deixa de ser a tradição e passa a ser “o recorte e o limite; não é mais o fundamento que se perpetua, e sim as transformações que valem como fundação e renovação dos fundamentos” (FOUCAULT, 2008, p. 6).

Conforme esse teórico, uma história da origem se “esforça para recolher nela a essência exata da coisa, sua mais pura possibilidade, [...] sua forma imóvel e anterior a tudo o que é externo, acidental, sucessivo” (FOUCAULT, 2010, p. 17). Pensar em uma história descontínua, por sua vez, pressupõe a relação de forças, práticas e discursos que possibilitam a emergência de algo, em determinado tempo e espaço.

Rago (1995) destaca que já na introdução de *A arqueologia do saber*, Foucault se coloca a favor de uma postura historiográfica preocupada não mais em revelar e explicar o real, mas em desconstruí-lo em sua condição de discurso. A respeito disso, a autora pontua que os objetos históricos e os sujeitos “emergiam aqui como efeitos das construções discursivas, ao invés de serem tomados como pontos de partida para a explicação das práticas sociais” (RAGO, 1995, p.71).

Assim, de acordo com a autora, Foucault cunhou uma nova maneira de problematizar a História, de pensar as categorias por meio das quais se constrói o discurso do historiador. Trata-se, portanto, de refletir sobre as bases de produção e de constituição de práticas políticas, econômicas, sociais, sexuais - “pensar como haviam sido instituídas culturalmente as referências paradigmáticas da modernidade em relação ao próprio social, à posição dos sujeitos, ao poder e às formas de produção do conhecimento” (RAGO, 1995, p. 72).

Rago (1995) destaca que Foucault questionou o pressuposto de que a história, conforme apregoa a teoria marxista, estaria centrada em um grande desejo de transformação

social, confundindo-se, assim, com ação revolucionária. Isso porque, conforme a autora, Foucault entendia a história como discurso, com a necessidade de ter reconhecida e descrita sua dispersão. A revolução provocada por Foucault consistia, desse modo, em desorganizar o passado e em desordenar a própria tarefa do historiador, pois foi colocada em xeque a concepção tradicional de história, até então imaginada como algo pronto para ser desvendado. Não se poderia mais pensar em objetos prontos, sujeitos determinados e na noção de continuidade - que dava ares sofisticados à descrição de processos históricos e sociais.

A ideia de totalidade e de coesão, de meramente apresentar e narrar os fatos, abria passagem, assim, para que se desmanchassem os fatos, problematizando-os para responder de que forma foram constituídos; efetivando-se desse modo, a “descrição da dispersão” (RAGO, 1995). A esse respeito, a autora explica:

Portanto, os eventos históricos não existem como dados naturais, bem articulados entre si, obedientes às leis históricas e esperando para serem revelados pelo historiador bem munido. Um evento só ganha historicidade na trama em que o historiador concatená-lo, e esta operação só poderá ser feita através de conceitos também eles históricos (RAGO, 1995, p. 73)

Em suma, os problemas que se instituem com a nova forma de se conceber a história podem ser resumidos como a crítica do documento (FOUCAULT, 2008). Isso significa, conforme o estudioso, que na história tradicional os documentos são interrogados quanto ao seu estatuto de verdade, tendo como finalidade interpretá-los, (re)constituir o passado. A proposta foucaultiana de trabalhar os documentos como monumentos implica renunciar à convicção sobre a transparência da linguagem e à certeza de que se encontrará nos textos um passado óbvio e inquestionável. A nova posição da história acerca do documento não é a de determinar se este apresenta a verdade, mas de recortá-lo, organizá-lo em níveis, séries, para identificar elementos, definir unidades e descrever relações. É preciso, portanto, afastar a história da imagem de uma memória milenar e coletiva, que por meio dos documentos materiais poderia ser lembrada; é, ao contrário, o trabalho empreendido com tais documentos, sejam livros, textos, registros, regulamentos, que possibilita na sociedade formas de permanência.

Digamos, para resumir, que a história, em sua forma tradicional, se dispunha a "memorizar" os monumentos do passado, transformá-los em documentos e fazer falarem estes rastros que, por si mesmos, raramente são verbais, ou que dizem em silêncio coisa diversa do que dizem; em nossos dias, a história é o que transforma os documentos em monumentos e que desdobra, onde se

decifravam rastros deixados pelos homens, onde se tentava reconhecer em profundidade o que tinham sido, uma massa de elementos que devem ser isolados, agrupados, tornados pertinentes, inter-relacionados, organizados em conjuntos. Havia um tempo era que a arqueologia, como disciplina dos monumentos mudos, dos rastros inertes, dos objetos sem contexto e das coisas deixadas pelo passado, se voltava para a história e só tomava sentido pelo restabelecimento de um discurso histórico; poderíamos dizer, jogando um pouco com as palavras, que a história, em nossos dias, se volta para a arqueologia - para a descrição intrínseca do monumento (FOUCAULT, 2008, p. 8).

Ao se considerar a ideia de documento como tendo um aspecto de monumento, surgem diversas consequências. A primeira, discorre Foucault (2008), é a multiplicação de rupturas na história das ideias. Ao contrário do trabalho realizado com a história tradicional, em que se buscam relações entre fatos e acontecimentos datados, ou seja, relações de proximidade entre os elementos de determinada série, na abordagem arqueológica, é possível constituir séries e definir a cada uma seus elementos, estabelecer-lhes limites, leis, tipos de relações, descrever as relações entre diferentes séries, construindo séries de séries, ou “quadros”.

A segunda consequência refere-se justamente à noção de descontinuidade, que na história clássica era, simultaneamente, algo dado, mas também pronto a ser apagado para dar lugar à continuidade dos acontecimentos. Agora, a descontinuidade é um elemento fundamental da análise, e o historiador deve distinguir os níveis possíveis da análise, os métodos que são adequados a cada nível e suas periodizações. Tal conceito, portanto, adquire uma forma e uma função específica de acordo com o domínio e o nível em que é delimitada - assim, é possível conceber o aumento da expectativa de vida como uma descontinuidade, posto que rompeu com a linearidade de uma sociedade que, durante muitos anos, era preparada para morrer mais cedo. O papel do historiador e do analista passa a ser, justamente, o de pesquisar a partir dessa ruptura.

Um dos traços mais essenciais da história nova é, sem dúvida, esse deslocamento do descontínuo: sua passagem do obstáculo à prática; sua integração no discurso do historiador, no qual não desempenha mais o papel de uma fatalidade exterior que é preciso reduzir, e sim o de um conceito operatório que se utiliza; por isso, a inversão de signos graças à qual ele não é mais o negativo da leitura histórica (seu avesso, seu fracasso, o limite de seu poder), mas o elemento positivo que determina seu objeto e valida sua análise (FOUCAULT, 2008, p. 10).

A terceira consequência da crítica ao documento é a do apagamento de uma história global, que cede espaço ao que Foucault (2008) denomina história geral. O filósofo concebe a história como geral/serial, em oposição a uma visão global, tradicional e cronológica; a história não pode ser global justamente porque tem rupturas, descontinuidades. Segundo Foucault (2008), em uma visão global, o que se procura é reconstituir a forma de conjunto de uma civilização, o princípio -material ou espiritual - de uma sociedade, a significação comum a todos os fenômenos de um período, uma lei de coesão. Essa busca está ligada à suposição de que entre todos os acontecimentos de uma área espaço-temporal bem definida, entre todos os fenômenos cujo rastro foi encontrado, será possível estabelecer relações homogêneas e mostrar analogias ou a forma pela qual os acontecimentos e fenômenos exprimem um único e mesmo núcleo central. Contudo,

São estes postulados que a história nova põe em questão quando problematiza as séries, os recortes, os limites, os desníveis, as defasagens, as especificidades cronológicas, as formas singulares de permanência, os tipos possíveis de relação. Mas não que ela procure obter uma pluralidade de histórias justapostas e independentes umas das outras: a da economia ao lado da das instituições e, ao lado delas ainda, as das ciências, das religiões ou das literaturas; não, tampouco, que ela busque somente assinalar, entre essas histórias diferentes, coincidências de datas ou analogias de forma e de sentido. O problema que se apresenta - e que define a tarefa de uma história geral - é determinar que forma de relação pode ser legitimamente descrita entre essas diferentes séries; que sistema vertical podem formar; qual é, de umas às outras, o jogo das correlações e das dominâncias; de que efeito podem ser as defasagens, as temporalidades diferentes, as diversas permanências; em que conjuntos distintos certos elementos podem figurar simultaneamente; em resumo, não somente que séries, mas que "séries de séries" - ou, em outros termos, que "quadros" - é possível constituir. Uma descrição global cinge todos os fenômenos em torno de um centro único - princípio, significação, espírito, visão do mundo, forma de conjunto; uma história geral desdobraria, ao contrário, o espaço de uma dispersão (FOUCAULT, 2008, p.11-12).

Como última consequência, Foucault (2008), explica que essa história se depara com problemas metodológicos já existentes, mas que agora caracterizam uma nova forma de descrevê-la. Entre esses problemas, o autor cita a constituição de corpus coerentes e homogêneos de documentos; a definição do nível de análise e dos elementos que lhe são pertinentes (no material estudado, podem-se salientar as indicações numéricas; as referências - explícitas ou não - a acontecimentos, a instituições, a práticas; as palavras empregadas, com suas regras de uso e os campos semânticos por elas traçados, ou, ainda, a estrutura formal das proposições e os tipos de encadeamento que as unem); a especificação de um método de

análise (tratamento quantitativo dos dados, por exemplo); a delimitação dos conjuntos e dos subconjuntos que articulam o material estudado (regiões, períodos); a determinação das relações que permitem caracterizar um conjunto (pode tratar-se de relações numéricas ou lógicas; de relações funcionais, causais, analógicas; pode tratar-se da relação significante-significado).

O entendimento que o teórico tinha sobre a história permite olhá-la com o intuito de buscar entender como se constituiu a maneira pela qual se enxerga a velhice e o sujeito idoso na contemporaneidade; por isso a importância de acolher a história sob o viés foucaultiano: historicizar os discursos é algo fundante para Foucault. O estudioso entendia, então, que existem verdades da época (FOUCAULT, 2008). O conhecimento que se tem sobre a velhice, por exemplo, muda de acordo com o tempo. Além disso, a temporalidade não opera da mesma maneira para todos: estamos no mesmo tempo histórico, mas vivemos temporalidades distintas (nem todos os homens são metrosssexuais, nem todos os idosos se enquadram na denominação de “novo idoso”, por exemplo).

Nessa visada teórica, é preciso, então, observar os procedimentos que possibilitam o surgimento de determinados discursos, bem como o apagamento e o desaparecimento de outros. Considerar a descontinuidade significa observar como um regime de saberes, poderes e verdades funciona em determinada época e cultura, e que, por meio desta descontinuidade, de rupturas, passa a ser conduzido de outra forma. Ao refletir sobre o objeto de análise desta pesquisa, por exemplo, é possível compreender que foi a partir de transformações históricas acerca do sujeito idoso (como o aumento da população idosa) que houve uma descontinuidade acerca do saber sobre este grupo etário, a qual o colocou como foco e produção de um novo modo de objetivação: a do “novo idoso”.

Tendo em vista que a objetivação e a subjetivação do sujeito idoso se configuram como o eixo norteador deste trabalho, passa-se, no capítulo seguinte, às reflexões sobre estes processos consideradas cruciais para a análise pretendida.

2 PROCESSOS DE OBJETIVAÇÃO E SUBJETIVAÇÃO

Ao seguir os rastros de Foucault para se pensar a história, busca-se entender de que forma se dá, discursivamente, o processo de objetivação e de subjetivação do idoso na internet. Propõe-se a problematização sobre como os discursos sobre a velhice e o processo de envelhecimento estão atravessados por relações históricas de saber-poder que constituem o sujeito idoso na atualidade. Assim, na história arqueológica de que trata Foucault, entende-se que há um conjunto de objetos naturais e suas relações com práticas determinadas historicamente que os objetivam; tais práticas resultam de diferentes causas históricas, nas quais estão ancoradas.

Nesse sentido, pensar os objetos do discurso não como naturais ou dados significa dizer que eles não existem antes do discurso, pois são produto de práticas discursivas determinadas de cada época, de uma história. Conforme Veyne (1998), a prática discursiva não é uma parte oculta da história; é, de fato, o que as pessoas dizem e fazem. Veyne (1998) explica que Foucault não buscou operacionalizar um novo conceito de prática, mas sim de aplicá-la tal qual realmente é, em seu sentido literal. Contudo, o exercício das práticas discursivas costuma ocorrer sem que se atente a elas, pensando justamente nos objetos do discurso como naturais. Para esse autor, “é preciso desviar os olhos dos objetos naturais para perceber uma certa prática, muito bem datada, que os objetivou sob um aspecto datado como ela” (VEYNE, 1998, p. 243). Isso significa, que, para que se possa falar sobre determinado objeto, ele deve ter sido objetivado por uma prática discursiva. É preciso, então:

compreender que as coisas não passam das objetivações de práticas determinadas, cujas determinações devem ser expostas a luz, já que a consciência não as concebe. Cada prática, tal como o conjunto da história a faz ser, engendra o objeto que lhe corresponde (...). As coisas, os objetos não são senão correlatos das práticas (VEYNE, 1998, p. 254-256).

Logo, pensar o discurso como prática implica que ele não pode ser visto como algo oposto ao que é real, pois o que Foucault propõe é que se devolva à realidade sua originalidade histórica (VEYNE, 1998).

Ao considerar o discurso como um conjunto de enunciados, o conceito foucaultino de discurso, conforme Gregolin (2004), pressupõe a ideia de prática, sendo que o que se pretende estudar na arqueologia são as práticas discursivas que, para Foucault, consistem em

um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa (FOUCAULT, 2008, p. 133).

Isso significa que não se pode confundir a prática discursiva com a operação expressiva pela qual um indivíduo formula uma ideia, um desejo, uma imagem; nem com a atividade racional que pode ser acionada em um sistema de inferência; nem com a "competência" de um sujeito falante, quando constrói frases gramaticais. Por isso, de acordo com Gregolin (2004), com a noção de prática o que se visa é uma análise que busca o enunciado em seus movimentos e nas ações de sujeitos que são historicamente determinados.

O discurso constituído de práticas remete a uma tarefa que “consiste em não mais tratar os discursos como conjuntos de signos, mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (FOUCAULT, 2008, p. 55). Justamente por isso é que algo só existe quando se torna objeto de um discurso. Destarte, é preciso determinar em que condições algo se tornou objeto de um discurso, portanto, determinar seu modo de objetivação, que se altera de acordo com o tipo de saber ao qual se relaciona (FOUCAULT, 2008).

O saber, por sua vez, é entendido como o conjunto de elementos, formados por uma prática discursiva e indispensáveis à constituição de uma ciência, ou seja, é no campo dos saberes que se determinam as condições para o aparecimento e desenvolvimento de uma ciência. Conforme Foucault (2008, p. 204-205):

um saber se define por possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso (assim, o saber da economia política, na época clássica, não é a tese das diferentes teses sustentadas, mas o conjunto de seus pontos de articulação com outros discursos ou outras práticas que não são discursivas). Há saberes que são independentes das ciências (que não são nem seu esboço histórico, nem o avesso vivido); mas não há saber sem uma prática discursiva definida, e toda prática discursiva pode definir-se pelo saber que ela forma

São as práticas discursivas, conforme Foucault (2008), que fazem o sujeito aparecer como uma dispersão, em função dos seus diversos status, lugares e posições das quais fala. Assim, o discurso pode ser concebido como prática definida pelo *status* do sujeito que fala, pelos lugares dos quais fala, pelas posições que assume quando fala. Considerado “prática”, o discurso é um “fragmento de história”, unidade e descontinuidade nessa própria história; construído pela/na história.

A proposta do filósofo, portanto, é a de renunciar o discurso como um fenômeno de expressão, uma tradução verbal, para buscar nele um campo de regularidade para várias posições-sujeito. Conforme Foucault (2008, p. 61):

O discurso, assim concebido, não é a manifestação, majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece, e que o diz: é, ao contrário, um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo. É um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos.

De acordo com Veyne (1998), conceber o discurso como prática é a raiz do pensamento de Foucault, posto que permite relacionar o objeto, ou seja, o que é feito, com/em determinado momento histórico. A prática, acima de tudo, diz respeito ao que as pessoas fazem, e o discurso, por sua vez, remete ao que é dito. Assim, a tarefa proposta por Foucault é justamente a de analisar o que é efetivamente dito, levando em consideração as determinações históricas intrínsecas a esse movimento: os sujeitos acreditam dizer de forma livre, mas estão submetidos às práticas históricas, pois, para além do discurso consciente, é preciso observar que no “dito” há silenciamentos.

Nesse sentido, compreende-se as coisas como o resultado de práticas determinadas, e que tais determinações devem ser pensadas em sua historicidade. Por isso, pode-se argumentar que não há “o idoso”, mas o objeto idoso que as práticas discursivas atuais constituem. Em relação à temática da presente pesquisa, é possível citar, como exemplo, que o idoso passa a se constituir como objeto de discursos da medicina preventiva, da estética, do trabalho, do lazer, entre outros. Por isso, a constituição de um objeto idoso se dá a partir de práticas discursivas que provém de diversos campos do saber. Isso pode ser observado, por exemplo, no texto retirado do Portal do Envelhecimento, cujo título é: “Sarcopenia, nutrição e atividade física na velhice, que abarca saberes oriundos da medicina, da nutrição e da educação física”.

Para analisar os modos de objetivação e de subjetivação é preciso apreender que, embora a obra de Michel Foucault seja dividida em arqueologia, genealogia e as técnicas de si, saber, poder e sujeito estão interligados.

Gregolin (2016⁷) rememora que isso pode ser verificado no texto *O sujeito e o poder*, no qual Foucault faz um balanço de seus estudos e conclui que seu grande propósito foi

⁷ Disponível em: <http://geadaararaquara.blogspot.com/2016/09/michel-foucault-uma-analise-de.html>. Acesso em: 15 nov.2018.

analisar os diferentes modos de subjetivação do homem no decorrer da história ocidental. De acordo com a autora, essa história abrange saber e poder e se desenvolve por meio da observação de três modalidades da produção histórica de subjetividades, que se referem, propriamente, às três fases do empreendimento foucaultiano. Ela justifica que, primeiramente, em sua fase arqueológica, Foucault pesquisou os modos de investigação científica que têm como efeito a objetivação do sujeito, quando se dedicou à história da loucura, da medicina e de campos do saber que trataram dos temas da vida, da linguagem e do trabalho. Ele buscou, nesta fase, investigar os saberes ocidentais e, por meio de sua arqueologia, escavar o terreno social e tentar resolver a história desses saberes. Posteriormente, partindo de seu estudo sobre *A ordem do discurso*, o filósofo analisou a relação entre os saberes e os poderes no interior da chamada genealogia do poder, estudando as práticas discursivas produzidas em dispositivos de poder-saber que objetivam os sujeitos por meio da classificação, da segregação e da separação, como o sistema prisional, por exemplo; dessas análises, surgiu o entendimento de que a sociedade está organizada em torno de um poder microfísico. Em um terceiro momento, ele investigou a subjetivação a partir de técnicas de si, da governamentalidade - o governo de si e dos outros, tendo direcionado seu trabalho na direção da sexualidade (GREGOLIN, 2016).

A governamentalidade se refere a um saber específico organizado na sociedade ocidental, exercido pelas instituições a partir de procedimentos cujo foco é a população, o que levou ao desenvolvimento de uma série de saberes e aparelhos específicos de governo. Conforme Foucault (2010), respaldado em uma forma jurídica e institucional, o Estado exerce a soberania sobre a população, gerindo-a por meio da disciplina com detalhe e profundidade: “Tem-se, de fato, um triângulo: soberania-disciplina-gestão governamental cujo alvo principal é a população, e cujos mecanismos essenciais são os dispositivos de segurança” (FOUCAULT, 2010, p. 302). Nesse tipo de poder, a disciplina é concebida como técnica, um dispositivo de poder que permite o controle minucioso sobre o corpo, buscando estabelecer uma relação de docilidade e de utilidade, ou seja, controlam-se as condutas dos sujeitos, adestrando-os e tornando-os ao máximo eficientes em termos políticos e econômicos (FOUCAULT, 2010). Contudo, sob a ótica de Foucault, o poder disciplinar, afastado de uma concepção negativa, produz individualidades, uma vez que o indivíduo seria, assim, produto do jogo saber-poder. Se, por um lado, o poder disciplinar está ligado à docilização do corpo, o Biopoder age não mais sobre um único indivíduo, mas sobre toda uma população, que se

torna alvo de tal poder e busca a manutenção da vida por meio de mecanismos que visam o bem-estar.

No presente trabalho, a governamentalidade se torna essencial à medida que, cada vez mais, seu conceito é aplicado sobre o sujeito idoso pelo Estado e instituições como a medicina, que determinam formas de existência à velhice, classificando o que se espera deste sujeito e regulando sua vida na busca pela produtividade, pela normatização do que pode e deve ser dito e feito. Fernandes (2011)⁸ reforça que a subjetivação consiste justamente no processo constitutivo dos sujeitos, processo de produção da subjetividade, que possibilita, em um viés foucaultiano, a objetivação dos sujeitos. Para ele, tendo em vista que os modos de subjetivação produzem sujeitos singulares, uma análise deve procurar mostrar as ferramentas acionadas para a produção da subjetividade e, conseqüentemente, dos sujeitos.

Ao trazer para a discussão o objeto de análise em questão, é possível refletir que o crescimento da população idosa reposicionou a velhice como objeto do saber médico, o qual não mais atua visando à cura e ao controle de doenças tidas como típicas dessa fase da vida: assiste-se agora a uma atuação médica que busca prevenir as patologias para que se chegue à velhice de forma saudável e ativa. Portanto, o envelhecimento foi objetivado na contemporaneidade visando o que seria o ideal de um “novo idoso”.

Cardoso Jr (2005) pontua que a mudança na trajetória do Foucault é notada a partir do curso *A Hermenêutica do sujeito*, verificada de forma mais consistente nos dois volumes finais de *História da sexualidade* - em que ele volta sua atenção para o sujeito. Isso porque, conforme o pesquisador, as discussões sobre saber e poder, até então marcas do empreendimento foucaultiano, são acrescidas da interrogação sobre os modos pelos quais nos tornamos sujeitos. Ele argumenta que Foucault é claro a respeito desse novo direcionamento em função de seu estudo sobre a genealogia da sexualidade, que busca compreender de que modo o indivíduo moderno faria sua própria experiência como sujeito de uma sexualidade e, por isso, “somos informados de que a sexualidade é um dentre os modos históricos pelos quais fazemos a experiência de constituirmo-nos enquanto sujeitos” (CARDOSO JR, 2005, p. 343). O autor acrescenta que, em suas fases anteriores (arqueologia e genealogia), viu-se Foucault anunciar a morte do homem, em função de sua colocação como sujeito e objeto do saber e de sua constituição como sujeito-indivíduo nos espaços disciplinares.

Tendo como base afirmações de Foucault que atestam a morte do homem e asseveram o nascimento do sujeito, Fernandes (2011) entende que a subjetividade é possibilitada pelo

⁸ Disponível em: <http://www.foucault.ileel.ufu.br/ledif/publicacoes/discurso-e-producao-de-subjetividade-em-michel-foucault>. Acesso em: 12 nov.2018.

discurso, ou seja, produzida por algo de natureza coletiva e exterior ao sujeito; que nega a sua individualidade, ou seja, o sujeito é produzido quando imerso em uma teia discursiva, o que tornaria possível compreender a subjetividade como sendo produzida pelo exterior. Para justificar esse entendimento, o pesquisador argumenta que na fase arqueológica, em *A história da loucura*, por exemplo, o louco é apresentado como um discurso em funcionamento, o campo da loucura se mostra atravessado por diversos discursos e a linguagem como estrutura da loucura. Assim, o louco se inscreve em um discurso e o vive em sua forma prática, concebe esse discurso em ações. Essa linguagem, de acordo com Fernandes (2011), comprova e materializa o funcionamento de um discurso que declara a existência da loucura e do louco e mostra esse sujeito em uma relação com uma verdade que lhe é peculiar. Tal verdade, segundo ele, atesta uma posição-sujeito diante de uma exterioridade que o envolve, ao mesmo tempo em que demonstra a constituição desse sujeito como alguém fora da ordem social, pois, “ao colocar em prática essa verdade que emana de seu interior, entra em contradição com os discursos que determinam o que pode e deve ser dito em dada época e lugar, ou seja, com os discursos autorizados a circularem” (FERNANDES, 2011, p.5).

Na mesma obra, continua Fernandes (2011), Foucault discorre sobre a relação subjetividade/objetividade implicada na constituição do objeto loucura, sendo o exterior determinante dos modos de funcionamento do sujeito considerado louco, objeto que se inscreve e se modifica na história. De acordo com ele, mesmo que muitas vezes essa subjetividade seja compreendida como uma expressão interior, como a verdade original do sujeito, são os discursos exteriores que a determinam, modificam-na e possibilitam a criação de espaços sociais exclusivos à segregação desses sujeitos.

Em *A Arqueologia do Saber*, a relação discurso/subjetividade pode ser explicitada, conforme Fernandes (2011), também pela noção de enunciado, posto que o enunciado implica uma posição do sujeito, isto é, sua inscrição no discurso e na história. Diante disso, ele reafirma que o sujeito não corresponde a uma individualidade no mundo, e as enunciações comprovam a exterioridade na subjetividade manifestada pelos discursos que se materializam nos enunciados. A respeito disso ele diz que, concernente à relação sujeito e enunciado, sempre há um sujeito, um autor, ou uma instância produtora. No enunciado há sempre uma posição-sujeito, ou uma função que pode ser exercida por vários sujeitos (FERNANDES, 2011, p. 6).

Sobre isso, Gregolin (2008) observa que o sujeito é produto histórico de práticas discursivas, sendo direcionado a posições possíveis de subjetividade. É por isso que,

conforme a autora, os enunciados, além de terem uma memória, ou seja, de se repetirem, bem como uma materialidade, também estabelecem relações com os enunciadores. E, ao analisar essas relações, não se buscam intenções, mas sim as posições-sujeitos, que só podem ser ocupadas por quem estiver legitimado para isso. Segundo essa autora,

as modalidades de enunciação mostram a dispersão do sujeito, isto é, os diversos estatutos, lugares, posições que ele pode ocupar. Se alguém enunciou algo, só pôde fazê-lo mediante condições estritas que aparecem no regime regulador dos enunciados de uma época. A prática discursiva regula a função do sujeito: num discurso jornalístico pede-se, por exemplo, “objetividade”, “informação”. As práticas discursivas, o que uma época pôde dizer, quais objetos acolheu, quais indivíduos puderam ocupar a posição sujeito nos enunciados que constituem tais práticas – estas idéias, centrais na análise de discursos proposta por Foucault, mostram que nem tudo pode ser dito, nem de qualquer instância e nem por qualquer um. Para Foucault, o ser humano tem acesso a si através de saberes (“jogos de verdade”). O homem produz por meio de técnicas de produção, comunica-se por meio de técnicas simbólicas, governa a si e aos outros por meio de relações de poder e elabora técnicas para voltar-se para si (tecnologias do eu) (GREGOLIN, 2008, p. 92).

Desse modo, conforme a autora, o papel do arquegenealogista é o de construir uma história do presente, mostrando que as transformações históricas foram as responsáveis pela nossa atual constituição como sujeitos objetiváveis por ciências, normalizáveis por disciplinas e dotados de uma subjetividade pela invenção de uma ciência sobre o sexo. O sujeito, segundo ela, é alguém que está em constante construção e isso ocorre no interior da história.

Gregolin (2008) acrescenta que determinadas formas jurídicas, como a inquirição e o exame, produziram novas formas de subjetividade, como no caso das prisões, as práticas do exame, internação e correção, e do capitalismo, que forjou uma série de técnicas de poder para ligar o indivíduo ao trabalho e torná-lo produtivo. Esse tipo de poder, conforme a estudiosa, exige e cria saberes sobre o indivíduo e produz o homem como objeto de saber. Trata-se, portanto, do poder microfísico, que se espalha na sociedade e por meio do qual todos se vigiam, se controlam e se disciplinam.

A autora argumenta ainda que, ao mesmo tempo em que a disciplina fabrica indivíduos úteis, a sociedade moderna faz a “objetivação” aparecer ao sujeito como “subjetividade”, ou seja, acreditamos que somos livres e donos do nosso destino. Por meio da norma, do controle e de uma verdade técnico-científica sobre o individual, a sociedade criou a verdade da individualidade. Conforme a autora, é pelo fato de os sujeitos serem sociais, e os sentidos históricos, que existe um confronto de discursos que expressam as lutas em torno de

dispositivos identitários - é nesses movimentos que se observa o poder em sua atuação microfísica, em uma batalha permanente pelo estabelecimento de verdades que, por serem históricas, estão em constante transformação. Esses micro-poderes, argumenta Gregolin (2008a), colocam em funcionamento as vontades de verdade de parte da sociedade em determinado momento histórico. Assim, as identidades, de acordo com ela, são construções discursivas instituídas pelos jogos dos micro-poderes, que categorizam o que é ser normal, louco ou incompetente, por exemplo:

Para Foucault (1995), na sociedade contemporânea, as lutas giram em torno de uma mesma questão: a da busca da identidade. O principal objetivo dessas lutas não é o de atacar esta ou aquela instituição de poder, ou grupo, ou classe ou elite, mas sim uma técnica particular, uma forma de poder que se exerce sobre a vida cotidiana imediata. Esse poder, contra o qual os sujeitos se digladiam em micro-lutas cotidianas, classifica os indivíduos em categorias, designa-os pela individualidade, liga-os a uma pretensa identidade, impõe-lhes uma lei de verdade que é necessário reconhecer e que os outros devem reconhecer neles. É uma forma de poder que transforma os indivíduos em sujeitos. Jamais, na História das sociedades humanas, se encontrou uma combinação tão complexa de técnicas de individualização e de procedimentos totalizadores. Por meio da ação “pastoral”, desenvolve-se uma tática individualizante, característica de toda uma série de poderes múltiplos (da família, da medicina, da psiquiatria, da educação, dos empregadores, etc.) cujo objetivo principal é o de forjar representações de subjetividades e impor formas de individualidades. Assim, a subjetividade, para Foucault, diz respeito às práticas, às técnicas, por meio das quais o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de “verdade”. Esses processos de subjetivação são diferentes e diversos nas diferentes épocas (GREGOLIN, 2008, p. 94).

Assim, além das relações de saber e poder que atravessam e constituem o sujeito, a formação da subjetividade passa também pela produção da verdade, tendo em vista que Foucault buscou os efeitos de subjetivação a partir de discursos que pretendiam dizer uma verdade para os sujeitos. Para o estudioso, a verdade não é “o conjunto das coisas verdadeiras ditas a descobrir ou fazer aceitar”, mas “o conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder” (FOUCAULT, 2010, p. 11).

É importante destacar também que seu empreendimento não gira em torno de atuar a favor da verdade, de buscá-la, mas sim de entender as relações colocadas em funcionamento em torno do estatuto da verdade, entender como ela é produzida e constituída por relações operadas por saberes e poderes. Portanto, não há verdade fora do poder. Como sentenciar Foucault (2010, p. 2), “somos submetidos pelo poder à produção da verdade e só podemos

exercê-lo através da produção da verdade”. Além disso, cada sociedade tem seu regime de verdade, ou seja, os discursos que faz funcionar como verdadeiros (FOUCAULT, 2010).

Portanto, a noção de subjetividade faz parte de um discurso que a produz como tal; os discursos precedem os sujeitos e possibilitam a produção de determinados tipos de subjetividade. Ao buscar o saber comum, do louco, por exemplo, Foucault verificou que o discurso sobre a loucura precede este sujeito, a ideia sobre o que é ser louco foi inscrita em determinado discurso e administrada, absorvida por este sujeito, que materializou esse discurso em seus modos de viver, ou seja, de sua subjetividade, possibilitando que o discurso sobre a loucura assumisse o estatuto de verdade. Para Foucault, o discurso nos coloca frente a frente com “uma verdade do homem bastante arcaica e bem próxima, silenciosa e ameaçadora: uma verdade abaixo de toda verdade, a mais próxima do nascimento da subjetividade e a mais difundida entre as coisas” (FOUCAULT, 1972, p. 561). Assim, a subjetividade empreendida por Foucault passa pelo estudo das classificações que se configuraram na sociedade, para separar o louco, o doente, o delinquente e seus efeitos sobre a constituição de um sujeito normal, racional.

Fischer (2012) pontua que o tema sujeito aparece relacionado aos pilares poder e saber ou poder e discurso. A autora rememora que Foucault trata sobre a complexidade do poder, que na atualidade é ao mesmo tempo totalizante e individualizador; aponta para o fato de que em todas as formas da sociedade, em diferentes épocas, o foco esteve no sujeito, é constituído por discursos e práticas, que é por eles subjetivado, permanente e que, com esses discursos e práticas há também uma relação de poder. Sobre a problemática do sujeito e do poder, Fernandes (2011) destaca que nos estudos foucaultianos da fase genealógica e nos chamados ética/estética da existência, a subjetividade, vista da exterioridade, apresenta-se como uma construção histórica sob determinadas condições e se dá na relação com o discurso.

A Genealogia coloca em pauta reflexões sobre o poder como integrante das relações cotidianas entre sujeitos e observável nos/pelos discursos. Seguindo os posicionamentos de Michel Foucault, o poder implica relações, trata-se de relações de poder. Essas relações não são fixas, imóveis ou estáticas, estão sempre em um campo de forças; são relações de força – a propósito, as relações de força são constantes em toda forma de existência de poder, são formas de agir sobre as ações dos outros. Há, nesse ínterim, dada exterioridade atuando na construção da subjetividade (FERNANDES, 2011 p.7).

Conforme Fernandes (2011), à Análise do Discurso interessa, portanto, o estudo das relações de poder, uma vez que os enunciados, inscritos nessas relações e discursivamente produzidos, apontam para posições-sujeito, e tais posições fazem parte de poderes que se opõem. Assim, criam-se relações complexas que compõem os discursos e atuam na produção da subjetividade. Nesse sentido, ele atenta para a importância de se observar as relações intrínsecas entre poder e posição-sujeito, pois as especificidades dessas relações têm seus efeitos na produção da subjetividade; isso se deve ao fato de que o poder está enraizado na sociedade, não porque abarca tudo, mas porque provém de todos os lugares. Fernandes (2011) discorre que é no social, portanto, que se definem as posições-sujeito, que não são fixas, mas mutáveis, e em uma análise deve-se procurar mostrar esses elementos, explicitar suas formações e transformações históricas e suas implicações e/ou determinações na produção da subjetividade.

Conforme reitera Araújo (2004), o modo de subjetivação ligado ao poder surgiu a partir da segunda metade do século XVIII, tendo como ponto de partida a análise de como os homens, em sua história, relacionam-se uns com os outros, produzindo verdades que se transformam em instrumentos de exclusão, de normalização, de dominação, de disciplinarização, de vigilância e de punição. Isso significa que quando algo se torna objeto de um dado campo de saber, ou seja, quando é objetivado, entra também em funcionamento o poder, que espera que o alvo desse saber, como os idosos, por exemplo, adote para si esse modo de objetivação, se sujeite a ele e se subjetive de acordo com suas regras e mecanismos. A autora argumenta que a grande questão para Foucault foi a da genealogia do sujeito moderno, como realidade histórica e cultural, sujeito suscetível de se transformar, sendo que o filósofo buscou para o cumprimento desse projeto o exame das teorias do sujeito como falante, vivo e produtor, pois as ciências humanas produziram jogos de verdade, objetivaram o homem por meio de ciências que não as humanas, a biologia (vivo), a economia (produtor) e filologia (falante); o estudo de instituições que fizeram dos sujeitos objetos de dominação, normalização, exclusão; e a análise das formas de subjetivação, na relação de si para consigo, as chamadas tecnologias de si, produção de verdade, saber e poder acerca de si mesmo. Ela rememora que Foucault já havia afirmado que no curso de sua história os homens não cessam de construir a si mesmos, ou seja, de deslocar continuamente sua subjetividade - que são múltiplas e infinitas.

Nesse sentido, pode-se compreender que, embora haja um modo de objetivação, que toma algo como objeto de um saber (a população idosa, por exemplo), as formas de

subjetivação não são homogêneas: cada indivíduo se subjetiva de uma dada maneira, levando em conta que os processos e as temporalidades históricas não operam da mesma maneira para todos, pois nem todos os idosos se enquadram no ideal de um “novo idoso”, por exemplo.

Araújo (2004) discorre que, conforme Foucault, existem regras que constituem tanto o sujeito como o objeto, a exemplo da loucura como objeto do saber médico-científico, que surgiu no século XIX, e que culminou na construção de um sujeito único, capaz de conhecer a loucura. Entretanto, continua Araújo (2004), esse saber é atravessado por um certo tipo de poder, e é por meio desta relação poder-saber que o sujeito coloca em funcionamento uma nova relação consigo mesmo, subjetivando-se.

O sujeito modifica-se por meio daquilo mesmo que ele conhece, o que pode levar a construir novos objetos e novas formas de subjetividade, isso tudo em meio a modificações históricas, sociais e culturais. No caso da loucura, por exemplo, o controle das populações por parte do Estado, o capitalismo crescente e a urbanização produziram o espaço médico do asilo, que implica saber e poder do médico, objetivando a loucura como doença. Ora, essa é uma modificação na ordem do saber e também das funções dos discursos médicos (ARAÚJO, 2004, p.48-49).

A autora argumenta que, com o método genealógico, são abordadas as práticas que tomam o ser humano como objeto de estudo científico e têm como resultado a formação de um novo tipo de saber. Retomando Foucault, ela pontua que esse saber se organiza por meio de normas que controlam os indivíduos e formam a base do poder/saber que dará lugar não às grandes ciências da observação, mas às chamadas 'ciências humanas', como a Psiquiatria, a Psicologia e a Sociologia. Araújo (2004) salienta que o procedimento genealógico permite pensar certas práticas, como a loucura, a medicina, a prisão, a sexualidade; práticas não discursivas que sujeitam os indivíduos a mecanismos de poder.

Por isso, Foucault não é um filósofo sistemático, pois se ocupou com a história de certas práticas discursivas e não-discursivas, mostrando que têm sua proveniência e que, portanto, decorrem de certas medidas (jurídicas, técnicas, científicas). Elas são produzidas por certos mecanismos de saber, e são, ao mesmo tempo, o alvo desses saberes. Sua crítica voltou-se para as práticas psicológicas, médicas, penitenciárias, pedagogizadoras, para as práticas autoritárias, para as medidas que garantem governabilidade (aquilo que os administradores têm chamado de "gestão"), cujas consequências mais evidentes são modos institucionalizados que nossa sociedade tem de excluir, marcar, confinar. Enfim, trata-se de práticas discursivas produtoras de saber, em suas relações com as práticas não-discursivas, que produzem poder. Elas formam um certo modelo de humanidade, uma ideia normativa do comportamento humano, que passa por universal (ARAÚJO, 2004, p. 43-44).

Entretanto, prossegue a autora, o comportamento humano é particular e circunstancial. A maioria das pessoas concebe a subjetividade como uma noção estável, responsável pela identidade, algo profundo, pessoal, intransferível. Contudo, Foucault analisa a subjetividade como uma construção relacionada a modos ou técnicas de si, provenientes de certos fatores e de mudanças culturais. Cardoso Jr (2005) corrobora com esse entendimento, ao afirmar que a subjetividade está contida em um processo ou prática de subjetivação, e por isso não tem um mecanismo fixo; entendendo, portanto, a subjetividade como diferenciação e não identidade. As técnicas de si referem-se, deste modo, à análise da subjetivação, compreendida como “todos aqueles procedimentos destinados a constituir subjetividades, verdades de e sobre o sujeito, nos mais diferentes espaços, práticas e discursos, e sempre articulados a relações de poder” (FISCHER, 2012, p. 46). Segundo esta autora, a técnica de si é “uma relação de aprendizado e reflexão em direção ao próprio interior, de autodeciframento, exame, de exercício sobre si mesmo, de transformação de si, de autocontrole, aperfeiçoamento constante” (FISCHER, 2012, p. 63). Em uma visada discursiva, as técnicas de si correspondem justamente a uma série de procedimentos que organiza diferentes formas de subjetividade, “que, em todas as sociedades, fixam, mantêm ou transformam a identidade dos indivíduos em função de determinados fins” (NAVARRO, 2006, p. 79).

Ao se debruçar sobre a história crítica da subjetividade desenvolvida por Foucault, Fernandes (2011) argumenta que se depara, na era cristã, com produções discursivas que funcionam como uma força sobre os sujeitos, o que os leva ao que o filósofo denominou como sujeição, característica do cristianismo que visa introduzir, além do cuidado de si, a renúncia a si. Para isso, entra em jogo a promessa da salvação e da vida eterna; efeitos discursivos que visam constituir e controlar a subjetividade por meio da sujeição. Nesse sentido, discorre o pesquisador, é que se busca a governamentalidade, o governo do sujeito para que procure uma ética pela relação consigo mesmo.

Desse modo, cabe interrogar: se a constituição de uma subjetividade, por meio das técnicas de si, não deixa de estar inscrita em mecanismos de poder que visam ditar regras de conduta para o indivíduo, de que forma ele se constrói como sujeito sem que esse entendimento se aproxime da ideia de sujeição?

A resposta a essa pergunta pode ser encontrada em Cardoso Jr (2005), para quem a subjetividade é um efeito massivo que provém de um processo singular e que os saberes e os poderes de todos os tempos procuram dominar os processos de subjetivação, mas há pontos de escape, constituindo uma história da resistência relativa à vida, que reside justamente no

encontro com o poder e na tentativa de escapar de suas armadilhas. Segundo Cardoso Jr (2005), Foucault deixa rastros para pensar que a produção de subjetividades é envolta também por mecanismos de resistência ao poder, pois, conforme, o autor, “se elas estão envolvidas por processos de subjetivação que vão além da forma subjetiva, então o sujeito dispõe de uma mutabilidade ou plasticidade que lhe confere uma dimensão temporal ou transformacional” (CARDOSO JR, 2005, p.344). Foi justamente tal problematização, ou seja, a procura por uma instância positiva de subjetivação, que não apareça meramente como lugar de resistência aos saberes e poderes, que levou Foucault ao segundo e terceiro volume da História da Sexualidade - estudo que configurava uma articulação entre a arqueologia e a genealogia do poder, podendo ser definida como estando organizada em torno da relação da subjetividade com a história, sendo que é a partir dessa relação que Foucault propõe pensar as formas de subjetivação moral e das práticas de si destinadas a assegurá-la (CARDOSO JR, 2005).

No entendimento de Cardoso Jr (2005), o problema da subjetividade em Foucault pode ser resumido da seguinte maneira: toda subjetividade é uma forma, que, contudo, é simultaneamente desfeita por processos de subjetivação; enquanto a forma-sujeito é captada pelos saberes e poderes, a subjetivação é um excesso pelo qual a subjetividade mantém uma reserva de resistência ou fuga à absorção de sua forma. Para o pesquisador, “toda subjetividade expressa algo de impessoal porque supõe processos de subjetivação compostos por singularidades” (CARDOSO JR, 2005, p. 344). Daí a concepção foucaultiana de poder e das relações que se estabelecem entre poder e saber. Não mais o poder repressivo, mas produtivo, positivo, que atravessa todos os estratos sociais; não mais a ciência com seu saber neutro, mas um conjunto de enunciados que entram no jogo do verdadeiro e do falso.

Portanto, analisar a subjetivação consiste em incidir sobre a teia enunciativa da qual os sujeitos são integrantes, o que implica interrogar, por exemplo, como os idosos se posicionam em relação às novas tecnologias, à família, à saúde e à beleza, considerando que os processos de subjetivação desses indivíduos são perpassados por relações de poder que atravessam qualquer modo de subjetivação. Sobre tal aspecto, segundo Fischer (2012, p. 57), Foucault,

em suas aparentemente díspares investigações, (...) sempre apontou para a ideia de que o poder existe em ato, e de ambos os lados: do lado de quem exerce o poder e do lado daquele sobre o qual o poder é exercido. Em ambos os lados há agentes, e há sempre espaço para respostas, reações, efeitos. Enfim, o poder se exerce sobre aquele que é livre. E a tendência da sociedade ocidental (...) tem sido aperfeiçoar, burilar, sofisticar as estratégias de poder, criando-se dispositivos cada vez mais complexos, nos quais os

indivíduos terminam por enredar-se, tomando para si as próprias ações que lhe cingem a subjetividade

Importa, então, relacionar as relações de poder, o regime de verdade, as posições-sujeito e os modos de subjetivação nos movimentos descritivo-analíticos. Para isso, é preciso considerar que, ao mesmo tempo em que se efetiva o processo de sujeição, quando os idosos, por exemplo, adotam para si as práticas (jornalísticas, políticas, médicas), que o objetivam como novo idoso, por meio da atuação do poder em sua forma microfísica, este sujeito incorpora/adota, ou rejeita a adoção de tais práticas, subjetivando-se.

Para dar sequência ao trabalho, cujo objetivo é investigar a objetivação e subjetivação dos sujeitos idosos na internet, passa-se, na próxima seção, às apresentações de conceitos e termos operatórios fundamentais à presente pesquisa.

3 PARA ALÉM DA TEORIA: O MÉTODO FOUCAULTIANO

Para que se possa cumprir com os objetivos desta pesquisa, é preciso destacar que, embora não tenha descrito efetivamente uma metodologia, o estudo empreendido por Foucault permitiu a definição do que se entende por método Arqueogenalógico (articulação entre os saberes tratados na Arqueologia e os poderes da Genealogia), utilizado, atualmente, por muitos pesquisadores como proposta de análise.

Na fase Arqueológica, o teórico busca entender a construção dos saberes na sociedade. Com a genealogia do poder (fase Genealógica), Foucault trata da relação entre o saber e o poder, ou seja, as maneiras pelas quais os saberes são construídos e legitimam o poder - e este transforma os saberes. Ao delinear uma genealogia, ou seja, uma “anti-ciência”, Foucault (2010) rompe com a tirania dos discursos hierárquicos e privilegiados para considerar o saber comum. Trata-se, então, de agir contra os efeitos de poder centralizadores que regem o discurso científico de nossa sociedade. O poder, para Foucault, se exerce, se dá nas relações, é micro, ninguém o detém, ele escapa, além de ser, fundamentalmente, uma relação de força (FOUCAULT, 2010). O teórico buscou analisar a relação entre os saberes e os poderes no interior de uma genealogia, dando início a uma jornada para investigar as práticas discursivas desenvolvidas em dispositivos de poder e saber que objetivam os sujeitos por meio da classificação, como no sistema prisional, por exemplo. Por meio dessas análises, o teórico entende uma sociedade organizada em torno de um poder microfísico. Embora tenha, neste período, direcionado seu olhar para o poder, Foucault deixa claro que os saberes com os quais se preocupou em sua tarefa Arqueológica se constituem e são perpassados por relações de poder.

Temos antes que admitir que o poder produz saber (e não simplesmente favorecendo-o porque o serve ou aplicando-o porque é útil); que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder. Essas relações de “poder-saber” não devem então ser analisadas a partir de um sujeito do conhecimento que seria livre ou não em relação ao sistema do poder; mas é preciso considerar ao contrário que o sujeito que conhece, os objetos a conhecer e as modalidades de conhecimentos são outros tantos efeitos dessas implicações fundamentais do poder-saber e de suas transformações históricas. Resumindo: não é a atividade do sujeito de conhecimento que produziria um saber, útil ou arredo ao poder, mas o poder-saber, os processos e as lutas que o atravessam e que o constituem, que determinam as formas e os campos possíveis de conhecimento (FOUCAULT, 2010, p. 27).

Foucault (2010) destaca que na década de 1960 se instaurou uma enorme criticidade das coisas, instituições, práticas e discursos; um caráter local da crítica, ou seja, uma espécie de produção teórica autônoma, não centralizada, que para se validar não precisava da concordância de um sistema comum. Essa crítica local se deu por meio do retorno do saber: a insurreição dos saberes dominados (FOUCAULT, 2010). Entende-se por saber dominado blocos de saber histórico que estavam presentes, mas mascarados no interior de conjuntos funcionais e sistemáticos que reaparecem por meio da crítica. Somente o aparecimento dos conteúdos históricos permite colocar luz sob as lutas mascaradas pelas organizações funcionais ou sistemáticas (prisões e manicômios, por exemplo). Concebe-se ainda a ideia de que foi o reaparecimento dos saberes considerados não competentes que permitiu a efetivação da crítica: (o saber do psiquiatrizado, do doente), ou seja, não se trata de um saber comum, mas particular, regional, local. Desse modo, a força essencial da crítica se deu por meio da articulação entre o saber sem vida da erudição e o saber desqualificado pela hierarquia dos conhecimentos e das ciências. Tanto o saber erudito quanto o desqualificado englobam, na verdade, o saber histórico da luta: delineou-se, assim, uma Genealogia, ou seja, a união do saber erudito e o saber das pessoas, que só foi possível com a exclusão da tirania dos discursos hierárquicos e privilegiados. Genealogias podem ser entendidas, portanto, como anti-ciências. Assim, o termo se refere à insurreição dos saberes contra os efeitos de poder centralizadores que regem o discurso científico da nossa sociedade. A Genealogia deve combater os efeitos de poder próprios a um discurso considerado científico, que buscava ordená-los em nome de um conhecimento verdadeiro e dos direitos de uma ciência detida por alguns (FOUCAULT, 2010).

Com a Genealogia, entende-se que mais importante do que comprovar se são cumpridas certas características de construção e conceitos, é questionar a ambição de poder que a pretensão de ser uma ciência carrega consigo. Portanto, a Genealogia seria um esforço para libertar da sujeição os saberes históricos, ou seja, torná-los capazes de oposição e de luta contra a coerção de um discurso formal e científico; buscar a reativação dos saberes locais contra a hierarquização científica do conhecimento e seus efeitos intrínsecos de poder. A questão da Genealogia é, então, entender o poder. Nesse sentido, compreende-se que por meio da genealogia busca-se analisar os efeitos das micro relações de poder que atravessam as práticas discursivas.

A questão de todas estas genealogias é: o que é o poder, poder cuja irrupção, força, dimensão e absurdo apareceram concretamente nestes últimos

quarenta anos, com o desmoronamento do nazismo e o recuo do estalinismo? O que é o poder, ou melhor – pois a questão o que é o poder seria uma questão teórica que coroaría o conjunto, o que eu não quero – quais são, em seus mecanismos, em seus efeitos, em suas relações, os diversos dispositivos de poder que se exercem a níveis diferentes da sociedade, em domínios e com extensões tão variados? (FOUCAULT, 2010, p. 174).

Na concepção foucaultiana, por não estar centralizado no Estado nem nas classes dominantes, o poder não é global, macro; ao contrário, se exerce em vários meios e direções e, por isso, está disperso em toda a estrutura e relações sociais; o poder penetra na vida das pessoas, ele escapa e ninguém o detém, daí o entendimento deste em sua condição de micropoder ou subpoder (MACHADO, 2010).

Compreender o poder como prática social é central para tratar essa noção por um viés foucaultiano, bem como entender que até mesmo a resistência está inserida em seus mecanismos. Segundo Foucault (2010), para resistir, é preciso que a resistência seja como o poder, inventiva, móvel e produtiva, que, assim como o poder, surja de baixo e se distribua de forma estratégica. A partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência. Jamais se é aprisionado pelo poder: é possível sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa. Assim, é importante destacar que Foucault (2010) rompe com a ideia de um poder que funciona única e exclusivamente por meio da repressão, pois sua força reside justamente no fato de que ele produz desejo e saber.

Conforme Machado (2010), todo saber se origina em relações de poder, já que “todo ponto de exercício de poder é, ao mesmo tempo, um lugar de formação de saber” (MACHADO, 2010, p. 21). Nesse sentido, o conceito de poder se afasta de uma concepção de censura, pois o objetivo é gerir a vida dos homens, controlá-los em suas ações para que seja possível utilizá-los ao máximo, aproveitando suas potencialidades em um sistema de aperfeiçoamento gradual e contínuo (MACHADO, 2010). Segundo Machado (2010, p. 10), não há em Foucault um sentido universal de poder, mas “formas díspares, heterogêneas, em constante transformação”; por isso a compreensão de poder não como algo natural, mas como uma “prática social”, construída historicamente. Conforme Machado (2010, p. 11), em Foucault, “viu-se delinear claramente uma não sinonímia entre Estado e poder”, o que significa que há exercícios de poder para além do Estado, que podem estar relacionados a ele e que são indispensáveis à sua própria manutenção.

Os procedimentos de exclusão descritos por Foucault (2014) na obra *A Ordem do Discurso* se configuram como um exemplo das micro relações estudadas pelo teórico. Dentre

esses procedimentos, “o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 2014, p. 09). Ainda conforme o teórico, “por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder” (FOUCAULT, 2014, p. 09-10).

A interdição se subdivide em três elementos: o tabu do objeto, o ritual de circunstância e o direito privilegiado/exclusivo do sujeito que fala. Em relação ao último elemento, importa, neste trabalho, interrogar: Quem fala sobre os idosos nos sites selecionados para análise? Quem está autorizado a falar sobre este sujeito?

Outro elemento dos procedimentos de exclusão sobre o qual importa tratar nesta empreitada teórico-metodológica é a vontade de verdade que, conforme o estudioso, assim como os demais sistemas de exclusão, encontra-se apoiada sobre um suporte institucional, sendo, ao mesmo tempo, reforçada e reconduzida por um conjunto de práticas como a pedagogia, o sistema de edição de livros, das bibliotecas. Contudo, é reconduzida de maneira singular pelo modo como o saber é aplicado, valorizado e compartilhado em uma sociedade (FOUCAULT, 2014). Sobre isso, ele discorre que:

se o discurso verdadeiro não é mais, com efeito, desde os gregos, aquele que responde ao desejo ou aquele que exerce o poder, na vontade de verdade, na vontade de dizer esse discurso verdadeiro, o que está em jogo, senão o desejo e o poder? O discurso verdadeiro, que a necessidade de sua forma liberta do desejo e libera do poder, não pode reconhecer a vontade de verdade que o atravessa; e a vontade de verdade, essa que se impõe a nós há bastante tempo, é tal que a verdade que ela quer não pode deixar de mascará-la (FOUCAULT, 2014, p. 20).

Como exemplos dessa vontade de verdade, ele cita o sistema penal, que precisou, primeiramente, buscar suporte e suas justificativas em uma teoria do direito, e a partir do século XIX, em um saber sociológico, psicológico, médico e psiquiátrico, “como se a própria palavra da lei não pudesse mais ser autorizada, em nossa sociedade, se não por um discurso de verdade” (FOUCAULT, 2014, p. 18-19).

Nesse momento, importa trazer à discussão a noção de dispositivo, definida por Foucault (2010) como um conjunto heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas. Ainda segundo o

estudioso, é preciso ir além de meramente descrever tais elementos, mas de demarcar e colocar em funcionamento a relação de poder e saber que está em cena entre eles (FOUCAULT, 2010). Isso porque, conforme Foucault (2010), o dispositivo é “um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante” (FOUCAULT, 2010, p. 244).

Isso significa que o dispositivo é a teia que se estabelece entre os elementos que o constituem e está sempre inscrito em um jogo de poder. Contudo, com base na concepção foucaultiana de um poder que produz saber, este jogo de poder no qual se inscreve o dispositivo está sempre ligado a saberes que dele surgem e o constituem. Assim, um dispositivo se constitui de relações de forças que sustentam e são sustentadas por saberes (FOUCAULT, 2010).

Navarro (2015) discorre que a obra *A Ordem do Discurso* é um dos momentos do pensamento de Foucault em que o saber “encontra” o poder e permite, desse modo, observar uma das formas de manifestação do dispositivo, por meio de práticas discursivas que estabelecem divisões: entre verdadeiro e falso, razão e desrazão, normal e anormal ou interdições, em que circunstâncias é possível falar. Portanto, em um dispositivo torna-se possível analisar o funcionamento de relações de saber e de poder.

Agamben (2005) corrobora com o entendimento, ao explicar que com o capitalismo houve o surgimento de uma gama de dispositivos, de modo que, atualmente, todo instante da vida dos indivíduos é controlado por algum tipo de dispositivo (AGAMBEN, 2005). Tendo como base releituras de Foucault, Agamben (2005) entende o dispositivo como sendo um conjunto heterogêneo, que reúne o linguístico e o não linguístico: instituições, discursos, leis, atos, falas, enunciados e práticas, que constituem uma formação histórica e que façam falar sobre determinada temática, como a medicina, por exemplo. A respeito disso, Veyne (2011), colabora quando compreende, por exemplo, que “o saber médico justifica um poder, esse poder põe em ação o saber e todo um dispositivo de leis, de direitos, de regulamentações, de práticas, e institucionaliza o todo como sendo a própria verdade” (VEYNE, 2011, p. 55).

Assim, é possível compreender que três caros conceitos à obra foucaultiana entram em jogo no funcionamento de um dispositivo: o saber, o poder e a verdade. Para determinar a existência e o funcionamento de um dispositivo, é preciso articular relações entre essas noções e entender que:

não se trata de erigir o Saber e o Poder como uma espécie de casal infernal, mas de precisar a cada caso quais foram suas relações e, em primeiro lugar, se as tiveram, e por que vias. Quando as têm, eles se vêem num mesmo dispositivo e se auxiliam mutuamente (VEYNE, 2011, p. 55).

Veyne (2011) compreende que o próprio discurso é inerente ao dispositivo que se constitui a partir de tal discurso e faz com que o discurso seja incorporado na sociedade. É o discurso, portanto, que compõe as características de uma determinada época, com sua singularidade, por meio de um dispositivo. Deste modo, um dispositivo é um mecanismo pelo qual se faz falar saberes e poderes e tem, inclusive, a própria verdade de uma época como um de seus elementos, podendo servir, deste modo, como um meio de decretar uma verdade. No discurso, então, são introduzidos dispositivos e práticas.

Nos portais e blogs selecionados para a análise, por exemplo, a vontade de verdade, de um discurso verdadeiro, é regida pelo saber dos profissionais responsáveis pela produção do conteúdo disponibilizado nestes espaços - que se distribuem em diversas áreas do conhecimento - ou seja, há uma gama de sujeitos e instituições autorizados a falar sobre os idosos.

Para que seja possível investigar os modos de subjetivação dos sujeitos, foco da terceira fase dos estudos de Foucault é necessário, portanto, articular os conceitos tratados pelo filósofo em sua fase arqueológica e genealógica - o que permite buscar os saberes e poderes que atravessam e constituem o idoso nas sequências enunciativas analisadas.

3.1 A operacionalização de uma análise

Ao se distanciar da noção de história global, homogênea e estruturada de forma coesa, e atentar para a ideia de uma história geral, pressupõe-se o trabalho com séries enunciativas, que podem ser entendidas como um conjunto de textos/enunciados que se organizam em torno de um tema. Conforme Navarro (2009), o analista deve isolar a instância do acontecimento, para relacioná-lo não à atividade fundadora de um autor, de uma obra, da tradição ou espírito da época, mas a outros enunciados. Desse modo, ao recortar uma série enunciativa se torna possível verificar a relação discursiva existente entre seus elementos e o modo como constroem e produzem sentidos sobre um acontecimento, ou seja, como dotam de outros significados o próprio acontecimento. A tarefa do analista é a de estabelecer uma análise com métodos próprios para investigar “o instante de funcionamento irregular de uma causalidade circular” (FOUCAULT, 2008, p. 10). Seguindo os rastros de Foucault, o ofício de uma

análise consiste em organizar, recortar, distribuir, ordenar e estabelecer séries para descrever relações. Assim, na história descontínua instituída pelo teórico, problematiza-se e observa a relação possível de ser descrita entre as diferentes séries e “de que efeito podem ser as defasagens, as temporalidades diferentes, as diversas permanências; em que conjuntos distintos certos elementos podem figurar simultaneamente” (FOUCAULT, 2008, p. 11).

Nesse sentido, as séries enunciativas constituem uma forma de se fazer história, ou seja, diferente da história global, mas sim contada a partir de tais séries. Por isso, considera-se importante pontuar que não é possível descobrir quem é o idoso atual, mas sim quem é o idoso nas séries enunciativas recortadas/organizadas. Com a constituição de uma série enunciativa, é preciso considerar a descrição do enunciado e sua função no interior dos discursos. Contudo, importa destacar que, embora nessa visada a história seja descontínua, sempre pode haver o movimento de retorno, já que manter laços com o passado é tentar buscar o que há de memória recente, ou seja, um enunciado é atualizado em relação com uma memória. Em um estudo de cunho foucaultiano, o trabalho é efetivado, portanto, com a análise de enunciados, que existem a partir da função enunciativa. Foucault (2008) define o enunciado como sendo algo dito por um sujeito, em um espaço e que tem as suas determinações. O enunciado é um elemento nuclear do discurso e não equivale a um ato de fala já que “esses atos são, pois, constituídos pela série ou soma desses enunciados” (FOUCAULT, 2008, p. 94). O enunciado não é uma simples unidade, mas uma função; dotado de uma certa materialidade e pode ser coordenado no espaço e no tempo. Para o filósofo, os enunciados têm uma espessura histórica; para que sejam analisados, devem ter sido efetivamente ditos/assumidos por um sujeito.

Conforme o teórico, os enunciados funcionam como “coisas que se transmitem e se conservam, que têm um valor; que repetimos, reproduzimos e transformamos” (FOUCAULT, 2008, p. 136). Portanto, os enunciados marcam as verdades de uma época, concebidos como manifestações de saberes legitimados. O estudioso desenvolveu quatro elementos que compõem a função enunciativa. O primeiro deles é o referencial, que “define as possibilidades de aparecimento e de delimitação do que dá à frase seu sentido, à proposição seu valor de verdade”. Para ele, “é preciso saber a que se refere o enunciado, qual é seu espaço de correlações, para poder dizer se uma proposição tem ou não um referente” (FOUCAULT, 2008, p. 101). O enunciado é, ainda, constituído “de leis de possibilidade, de regras de existência para os objetos que aí se encontram nomeados, designados ou descritos, para as relações que aí se encontram afirmadas ou negadas” (FOUCAULT, 2008, p. 103).

Já o segundo domínio da função enunciativa é a posição-sujeito, também necessária para que um enunciado seja classificado como tal. O enunciado estabelece com o sujeito uma relação determinada e para o estudioso "o sujeito é, pois, um lugar determinado e vazio, que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes" (FOUCAULT, 2008, p. 107). Para definir a posição-sujeito de determinada função enunciativa, é preciso definir "uma função determinada, mas não forçosamente a mesma de um enunciado a outro; na medida em que é uma função vazia, podendo ser exercida por indivíduos, até certo ponto, indiferentes, quando chegam a formular o enunciado" (FOUCAULT, 2008, p. 105). Portanto, a posição-sujeito de um enunciado não corresponde ao indivíduo que o formulou, e "um único e mesmo indivíduo pode ocupar, alternadamente, em uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos" (FOUCAULT, 2008, p. 113). Além disso, em uma perspectiva discursiva não há um sujeito soberano, consciente. Diante disso,

descrever uma formulação enquanto enunciado não consiste em analisar as relações entre o autor e o que ele disse (ou quis dizer, ou disse sem querer); mas em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito (FOUCAULT, 2008, p. 114).

O terceiro elemento da função enunciativa é o campo associado, pois a descrição dos saberes ocorre a partir das relações entre os enunciados; não é algo a ser encontrado, desvendado. Assim, "para que se trate de um enunciado é preciso relacioná-lo a todo um campo adjacente (...); um enunciado tem sempre as margens povoadas de outros enunciados" (FOUCAULT, 2008, p. 110). Ainda conforme o estudioso:

O campo associado que faz de uma frase ou de uma série de signos um enunciado e que lhes permite ter um contexto determinado, um conteúdo representativo específico, forma uma trama complexa. Ele é constituído, de início, pela série das outras formulações, no interior das quais o enunciado se inscreve e forma um elemento (...). É constituído, também, pelo conjunto das formulações a que o enunciado se refere (...). É constituído, ainda, pelo conjunto das formulações cuja possibilidade ulterior é propiciada pelo enunciado (...). É constituído, finalmente, pelo conjunto das formulações cujo status é compartilhado pelo enunciado em questão (...). Pode-se dizer, de modo geral, que uma sequência de elementos linguísticos só é enunciado se estiver imersa em um campo enunciativo em que apareça como elemento singular. (FOUCAULT, 2008, p. 111).

Assim, todo enunciado é localizado em um lugar determinado, pois, segundo Foucault, não há enunciado livre, neutro e independente - ele sempre faz parte de uma série e desempenha uma função, uma vez que "não há enunciado que não suponha outros; não há

nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistências, efeitos de série e de sucessão, uma distribuição de funções e de papéis” (FOUCAULT, 2008, p.112).

O enunciado que descreve e instaura o novo idoso, na mídia, por exemplo, tem relação com enunciados sobre saúde, longevidade, condições de vida, e com outras formulações sobre como esse sujeito era e como pode vir a ser; formulações que discutem o ideal de “novo idoso” e a forma como ele está sendo vivido, questionam sua veracidade e/ou aplicabilidade, bem como outros assuntos que também são tratados em textos da mídia (BAZZA, 2016).

O último elemento da função enunciativa refere-se ao fato de que para um enunciado poder ser concebido como tal, ele deve ter uma existência material, uma superfície, um suporte, um lugar e uma data e, quando essa materialidade se altera, o próprio enunciado também muda (FOUCAULT, 2008). Um enunciado somente pode ser concebido como tal pois uma voz o enunciou, uma superfície o registra e de alguma maneira ele deixa marcas em uma memória ou espaço (FOUCAULT, 2008). Tal materialidade, portanto, é constitutiva do próprio enunciado - que precisa de um suporte, lugar e data. Portanto, o enunciado é um termo operatório para uma análise foucaultiana, descrito por meio destas quatro características da função enunciativa que permitem a operacionalização de uma análise por esse viés. Uma pesquisa nesta perspectiva, dessa maneira, baseia-se na formação de séries e no recorte de enunciados dispersos para que se busque uma regularidade na dispersão, sempre considerando a história em sua descontinuidade.

Ainda sobre a noção de enunciado, cabe levar em conta três características de uma análise enunciativa, a saber:

Efeito de raridade: Estabelecer uma lei de raridade significa compreender que os enunciados não têm um fim em si mesmo, ou seja, há sempre uma possibilidade outra. É necessário, deste modo, analisá-los com base nos processos pelos quais outros possíveis enunciados são excluídos. Busca-se, portanto, “determinar o princípio segundo o qual puderam aparecer os únicos conjuntos significantes que foram enunciados” (FOUCAULT, 2008, p. 135). Por isso, os enunciados estabelecem uma relação de dependência com sistemas de exclusões, não são exclusivos, tampouco óbvios, são raros. Contudo, essa exclusão não quer dizer que um enunciado tome o lugar de outro, posto que cada um tem lugar próprio. A descrição dos enunciados deve, então, buscar analisar a posição singular que ele ocupa. Estabelecer uma lei de raridade é determinar, por meio do enunciado, o sistema singular que permitiu seu aparecimento. Nesse sentido, em uma análise é preciso concebê-lo como

um bem finito, limitado, desejável, útil – que tem suas regras de aparecimento e também suas condições de apropriação e de utilização; um bem que coloca, por conseguinte, desde sua existência (e não simplesmente em suas ‘aplicações práticas’) a questão do poder, um bem que é, por natureza, o objeto de uma luta, e de uma luta política (FOUCAULT, 2008, p. 136-137).

Em suma, absorver a noção de raridade significa problematizar um enunciado a partir de sua possibilidade de existência, questionar o porquê de seu surgimento em detrimento da exclusão, negação ou desaparecimento de outro. Ao analisar a relação dos idosos com a tecnologia a partir de um discurso publicitário, um discurso circulado no Facebook e outro em um portal eletrônico direcionado para idosos, por exemplo, Polla e Navarro (2013) constataram que um enunciado, tendo como referencial um idoso que domina a tecnologia, parece surgir somente nas materialidades contemporâneas, tendo em vista que, ao acionar a memória discursiva, não encontra-se registros desses sujeitos associados às tecnologias. Em um movimento descritivo-interpretativo, os autores verificaram que os enunciados acabam por conferir duas posições-sujeito aos idosos: uma ainda vinculada à imagem tradicional construída sobre a velhice (a do idoso passivo, inerte); e a do “novo idoso”, (instaurada, de certa forma, por um regime disciplinar que governa estes sujeitos para que adotem o uso da tecnologia para se enquadrarem nesta nova concepção de sujeito). Assim, inferiram que discursos como estes fazem parte da história recente e atribuem aos sujeitos idosos o interesse por informação sobre as novas tecnologias, turismo, esportes, pois apenas o momento atual permite que surjam estes enunciados e não outros.

Os discursos midiáticos parecem levar a crer que o idoso de hoje ocupa uma posição sujeito que usa e domina as novas ferramentas de informação e comunicação. Isto sobretudo quando se analisa a circulação desses discursos em materialidades digitais, como é o caso do Facebook e do site Nossa Melhor Idade. Além disso, destaca-se o fato de que publicidades ligando a imagem discursiva de idoso dominando a tecnologia já podem ser veiculadas na televisão aberta, por exemplo, mesmo com a imagem de idoso predominante na memória discursiva coletiva não sendo silenciada, as “novas possibilidades” dos sujeitos idosos com relação à tecnologia já figuram nestes discursos (POLLA; NAVARRO, 2013, p. 12).

Exterioridade: Para efetuar uma análise enunciativa, é necessário partir da exterioridade, o que significa pensar um enunciado em sua descontinuidade, porque são suas condições de possibilidade e as relações de poder que caracterizam sua existência. Assim “se encontra libertado o núcleo central da subjetividade fundadora, que permanece sempre por trás da

história manifesta” (FOUCAULT, 2008, p. 137). Os enunciados, ou seja, aquilo que fora efetivamente dito, não devem ser entendidos como uma mera manifestação de um pensamento, mas, ao contrário, pensados como um espaço de lutas e transformações.

Assim, os enunciados devem ser concebidos “pelos contatos de superfície que eles mantêm com aquilo que os cerca, de modo a conseguirmos mapear o regime de verdade que os acolhe e que, ao mesmo tempo, ele sustenta, reforça, justifica e dá vida” (VEIGA-NETO, 2003, p. 127). Analisar os enunciados levando em conta seu efeito de exterioridade é, portanto, estabelecer relações entre eles em busca de compreender os jogos de poder que atravessam e constituem tais relações. Isso porque, em uma visada foucaultiana, existem saberes e verdades próprios de uma época e há relações de poder que orientam a formação dos enunciados. A representação atual do idoso, por exemplo, que tem como base a busca pela beleza e a longevidade acaba fixando, na memória discursiva, essa forma de objetivação, tendo como resultado que o enunciado do “novo idoso” é aquele com o qual as pessoas nesta fase da vida devem buscar para se constituírem como sujeitos, ou seja, o idoso como um novo objeto de saber encontra-se imbricado em relações de poder, já que, para que seja enquadrado neste novo modelo, deve adotar para si as práticas e as normas prescritas para atingi-lo. Além disso, os enunciados atestam a presença exterior na constituição de uma subjetividade - o que significa que os enunciados que circulam atualmente sobre o idoso, por exemplo, se articulam a uma rede de memórias e a outros enunciados, de diferentes cronologias, para a constituição desse sujeito na contemporaneidade.

Acúmulo: O último aspecto levantado por Foucault para a análise enunciativa é o de que, apesar de os enunciados soarem evidentes, em função de sua repetição e de seu compartilhamento, não são transparentes nem têm um sentido único; ao contrário, se desdobram em uma rede de proliferação de sentidos. Assim, em uma análise, é preciso levar em conta a historicidade, uma memória, pois qualquer sequência enunciativa poderá reatualizar algo já antes enunciado.

Eis o terceiro traço da análise enunciativa: ela se dirige a formas específicas de acúmulo que não podem identificar-se nem com uma interiorização na forma da lembrança, nem com uma totalização indiferente dos documentos. [...] Estes quatro termos, leitura - traço - decifração - memória (qualquer que seja o privilégio que se dê a um ou outro, e qualquer que seja a extensão metafórica que se lhe atribua e que lhe permita reconsiderar os três outros), definem o sistema que permite, usualmente, arrancar o discurso passado de sua inércia e reencontrar, num momento, algo de sua vivacidade perdida. Ora, a particularidade da análise enunciativa não é despertar textos de seu

sono atual para reencontrar, encantando as marcas ainda legíveis em sua superfície, o clarão de seu nascimento; trata-se, ao contrário, de segui-los ao longo de seu sono, ou, antes, de levantar os temas relacionados ao sono, ao esquecimento, à origem perdida, e de procurar que modo de existência pode caracterizar os enunciados, independentemente de sua enunciação, na espessura do tempo em que subsistem, em que se conservaram, em que são reativados, e utilizados, em que são, também, mas não por uma destinação originária, esquecidos e até mesmo, eventualmente, destruídos (FOUCAULT, 2008, p. 139-140).

Gregolin (2004) destaca que é na noção de acúmulo que se encontra o fio da temporalidade no discurso. Sobre isso, ela questiona: o que promove o esquecimento e a conservação de determinados discursos? Como pensar a relação entre discurso e memória? A autora rememora que para pensar as relações entre memória e esquecimento, por meio dos movimentos de conservação/apagamento dos enunciados, Foucault apresenta as noções de remanência, aditividade e recorrência. A remanência refere-se à conservação de um certo número de suportes materiais, como o livro, por exemplo, a instituições, como as bibliotecas, a certas modalidades estatutárias (quanto mais fortemente institucionalizados, como, por exemplo, o texto religioso e o jurídico, maior será o zelo em sua manutenção). O contrário da remanência é o esquecimento, e é nesse ínterim que os jogos da memória e da lembrança se desenrolam, conforme destaca essa autora.

A ideia de aditividade, por sua vez, está ligada ao fato de que um enunciado está sempre em relação com outros e tais relações determinam sua permanência ou exclusão: eles se relacionam com base em suas diferentes naturezas. Já pela noção de recorrência, tem-se que todo enunciado é composto por elementos anteriores a ele e com os quais ele se situa e se relaciona (GREGOLIN, 2004).

Nesta pesquisa, os textos recortados na série enunciativa (portais e blogs) sobre o idoso configuram, portanto, enunciados a serem analisados, pois quando circulam e são concebidos como indícios do que seria um idoso atual, também revelam uma memória, já que a produção de seu sentido está condicionada à relação que mantêm com outros enunciados. Cabe ressaltar que a arqueologia de Foucault é uma análise da emergência dos enunciados como acontecimentos na superfície discursiva e uma tentativa de descrever relações entre enunciados que considerem a descontinuidade imanente à própria noção de acontecimento. É necessário, portanto:

descrever um conjunto de enunciados, não como a totalidade fechada e pletórica de uma significação, mas como figura lacunar e retalhada; descrever um conjunto de enunciados, não em referência à interioridade de

uma intenção, de um pensamento ou de um sujeito, mas segundo a dispersão de uma exterioridade; descrever um conjunto de enunciados para aí reencontrar não o momento ou a marca de origem, mas sim as formas específicas de um acúmulo (FOUCAULT, 2008, p. 141).

O próprio conceito de discurso, definido de diversas maneiras por Foucault, pode ser entendido como um “conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema de formação; é assim que poderei falar do discurso clínico, do discurso econômico, do discurso da história natural, do discurso psiquiátrico” (FOUCAULT, 2008, p. 122). Conforme o teórico, essa formação é atestada por um conjunto de relações definidas entre instâncias de emergência, delimitação e especificação e que, ao atuarem em certo discurso, possibilitam a produção de um conjunto de objetos variados.

Em relação ao objeto “loucura”, por exemplo, não é possível, conforme Foucault (2008), individualizar um conjunto de enunciados e estabelecer entre eles uma relação constante. Isso porque, não haveria como perguntar ao próprio ser da loucura o que foi dito sobre ele em determinado momento, tendo em vista que a doença mental foi constituída pelo conjunto do que foi dito em um grupo de todos os enunciados que tratavam sobre ela e articulavam em seu nome discursos que deveriam passar por seus. A unidade dos discursos sobre a loucura, portanto, não estaria ancorada na existência do objeto “loucura”, ou em uma única possibilidade de objetividade, posto que essa unidade seria o jogo das regras que estabelecem “as transformações desses diferentes objetos, sua não-identidade através do tempo, a ruptura que neles se produz, a descontinuidade interna que suspende sua permanência” (FOUCAULT, 2008, p. 37).

Com a série enunciativa organizada para a presente pesquisa, por exemplo, busca-se compreender as práticas discursivas que objetivam/subjetivam o sujeito idoso, ou seja, que fazem com que ele seja descrito de maneiras diferentes do que fora em outras épocas, pois nem sempre se falou da mesma velhice e do mesmo idoso, considerando que o objeto velhice/envelhecimento também é constituído no conjunto de diversos enunciados que o descreviam e produziam discursos que passavam a ser adotados pelo sujeito idoso. Trata-se de definir um conjunto de enunciados com base na descrição de sua dispersão, com vistas a encontrar uma regularidade que aponte para um determinado modo de subjetivação.

Os enunciados obedecem a regras de formação, que se referem, deste modo, às condições a que estão submetidos os elementos que integram esse conjunto de regras. Dito de outro modo, Foucault (2008) busca saber quais são as regras de formação de um discurso. Ele entende que em meio a dispersão há regularidades - que devem ser buscadas na dispersão de

escolhas temáticas e escolhas teóricas -, e são as regras de formação do discurso que as determinam, sendo que o elemento para encontrar essa regularidade é o enunciado. Entretanto, em uma análise, é inexequível descrever todas as relações possíveis entre enunciados: é necessário organizar um recorte, definir conjuntos de enunciados relacionados.

O que importa analisar, então, é o modo como o objeto foi construído na dispersão dos discursos em diferentes momentos. Os objetos estão submetidos a condições de aparecimento: não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época. Os objetos existem sob condições positivas de um feixe complexo de relações. Essas relações discursivas constroem o objeto de que se pode falar, determinam o feixe de relações que o discurso deve efetuar para falar do objeto e, portanto, caracterizam o discurso como prática (FOUCAULT, 2008).

Foucault (2008) parte do questionamento sobre qual seria o regime de existência dos múltiplos objetos enquanto objetos dos discursos. Assim, ele opera com a formação dos objetos a partir de superfícies de emergência, ou seja, onde podem surgir; instâncias de delimitação, legitimadas para diferenciar e demarcar objetos; e grades de especificação, que são os sistemas que permitem separar, agrupar, opor, classificar os diferentes tipos de objetos de um discurso. Diz respeito às formas de coexistência dos enunciados. Para tanto, Foucault (2008) verifica a necessidade de abranger a descrição das formas de sucessão, de coexistência e dos procedimentos de intervenção. Para as formas de sucessão, o teórico propõe um estudo sobre as disposições das séries enunciativas e relações entre os enunciados. Para as formas de coexistência, o método volta-se para os campos de presença (enunciados já formulados e que são retomados); de concomitância (enunciados que se referem a domínios de objetos diferentes e a tipos de discursos diferentes, trazidos para confirmação analógica, para servirem de premissas ou de modelos de raciocínio); e os domínios de memória (enunciados em relação aos quais se estabelecem laços de filiação, gênese, transformação, continuidade e descontinuidade histórica).

A reflexão proposta sobre o objeto de análise desta pesquisa conduz à observação de que a memória possibilita a construção de significados. O enunciado do novo idoso, ativo e conectado se relaciona a outros enunciados que o colocam em uma posição de sujeito que, por conta da idade, é dependente e necessita necessidades específicas. A ruptura nessa prática discursiva posiciona o idoso atual de outra forma, ao lhe permitir ocupar outros espaços, ao mesmo tempo em que lhe impõe isso.

4 PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO E OBJETIVAÇÃO DO E SOBRE IDOSO NA INTERNET: ANÁLISE DOS PORTAIS E BLOGS

Ao optar por trilhar o caminho de Foucault, busca-se entender de que forma se dão, discursivamente, os processos de objetivação e de subjetivação do e sobre o idoso na internet. Propõe-se a problematização de como os discursos sobre a velhice e o processo de envelhecimento estão atravessados por relações de saber-poder que constituem o sujeito idoso na contemporaneidade. A partir da articulação entre a materialidade e a historicidade dos enunciados, busca-se, então, efeitos discursivos.

No decorrer deste trabalho, refletiu-se sobre o sujeito idoso como objeto de novos saberes, sendo o enunciado “novo idoso” representativo desta objetivação, em decorrência do aumento do número de idosos no país, o que fez com que os mais diversos campos do saber redirecionassem seus olhares para estes sujeitos, que se tornaram alvo de um novo mercado de consumo. A multiplicidade de discursos acerca da velhice coloca o idoso sob novos focos de saber e lentes de objetivação - que apontam para o que seria esse “novo idoso”.

Nessa pesquisa, compreende-se que os idosos se tornaram alvo de novos saberes médicos, de um mercado de consumo que busca cativá-los com promessas de não somente viver mais, mas de viver mantendo traços característicos da juventude e cada vez mais conectados às tecnologias. Prova disso é que, em 2017, o Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br) publicou o guia "Internet com Resposta +60⁹", para instruir pessoas com mais de 60 anos a se conectarem e navegarem com segurança. A cartilha tem 40 páginas e é apresentada como sendo voltada àqueles “que são da época em que a máquina de escrever era revolucionária em termos de tecnologia, torceram o nariz quando os filhos, netos e sobrinhos passaram a utilizar computadores e impressoras e anos depois acabaram se rendendo à era digital e até aceitaram que criassem para eles um perfil no *Facebook* ou uma conta no *Twitter*, além de terem ganhado um celular que faz tudo – manda e recebe mensagens, tem *Whatsapp* e outros aplicativos e até faz ligações”. A própria produção de materiais como a cartilha, bem como de conteúdo na internet direcionados especificamente a este público e produzida por ele demonstra esta objetivação, em função de que, na atualidade, há cada vez mais idosos interessados em adquirir conhecimento para fazer uso da tecnologia, afastando a concepção tradicional e estereotipada da velhice como sinônimo de alienação digital. Contudo, o discurso empregado na cartilha, por exemplo,

⁹ Disponível em: https://nic.br/media/docs/publicacoes/13/internet_com_resposta_+60.pdf. Acesso em 28 jan.2019.

demonstra que, ao mesmo tempo em que o idoso está agora incluído no mundo digital, ele ainda é visto como um sujeito que necessita de ajuda especializada, de um manual, para conseguir se conectar.

Dias (2015), ao abordar a questão da constituição do *corpus* em análise de discurso, atenta para o discurso digital, de materiais produzidos na e para a internet e, com base em Paveau (2014), chama a atenção para algumas características: a da temporalidade, já que o meio digital escapa a qualquer cronologia, sendo que seu tempo é o do acesso e o da circulação, ou seja, um arquivo digital é sempre passível de atualização por meio do acesso: ao comentar uma postagem do *Facebook*, por exemplo, independentemente da data em que foi postada, ela se atualiza na linha do tempo. Outra característica é a instabilidade do arquivo, sua mutabilidade, já que é comum encontrar sites, textos, blogs e vídeos que passam por atualização ou ficam indisponíveis - o que, conforme destaca a autora, faz parte do modo de circulação do próprio digital. A característica da dimensão e heterogeneidade diz respeito à infinidade de textos disponíveis na internet. Sobre a característica da autoria, Dias (2015) explica que é comum encontrar materiais que não têm um “nome de autor” ou uma chancela institucional, o que implica descartá-los pela demanda de “legitimidade” do arquivo. A última característica apresentada é a da leitura dispersiva, que se desloca do fio temporal linear passando a predominar a ordem espacial, na qual se impõe a visualidade (DIAS, 2015, p. 55).

De acordo com a autora, o trabalho com o discurso digital pressupõe a compreensão da dispersão, que é constitutiva desse meio e dita um ritmo ao trabalho de leitura. Tais considerações, segundo essa autora, tocam o problema do método e levantam questões acerca do trabalho com o arquivo digital. A respeito disso, ela questiona: como lidar com essa dispersão de textos, verbais, não verbais, chancelados ou não? Contudo, conforme a pesquisadora, a relação com o arquivo já é determinada inicialmente por uma questão de pesquisa, o que já dá a ele uma configuração na direção da constituição do *corpus* (DIAS, 2015).

Portanto, diante da multiplicidade de conteúdos disponíveis nos suportes selecionados e distante da pretensão de realizar uma análise que dê conta de todos os aspectos envolvidos (anúncios, mídias paralelas, como Twitter, Instagram e Facebook, e comentários), desenvolveu-se o trabalho a partir de sequências enunciativas com temáticas regulares identificadas nos portais e blogs e que emergem nos discursos que apontam para a constituição de um novo idoso - atravessada por enunciados do campo da saúde, estética e sexualidade. Portanto, o *corpus* organizado é representativo desses discursos. A delimitação

do eixo temático pressupõe o estabelecimento desses recortes, em busca de identificar regularidades discursivas em confronto com significados heterogêneos, relacionando noções teóricas pertinentes ao estudo foucaultiano. Diante disso, foram digitadas as palavras-chave referentes a cada eixo temático no campo de busca dos suportes digitais e organizadas as sequências enunciativas (SE), para investigar os processos de objetivação e de subjetivação nos discursos que circulam na internet. O trabalho foi realizado com a análise dos títulos e de excertos dos textos referentes aos títulos. Além disso, em alguns casos, foram incluídas as imagens que acompanham os textos, não para a realização de uma análise propriamente dita, mas como forma de mostrar de que maneira os conteúdos aparecem aos leitores.

A análise da presente pesquisa parte de um olhar determinado pela teoria definida por Michel Foucault e das ferramentas que o estudioso disponibilizou, as quais permitem a efetivação de um método próprio. Contudo, a perspectiva discursiva se desdobra em múltiplas possibilidades, que decorrem do recorte e do olhar do analista. Por isso, não se pretende afirmar quem é o idoso atual, mas apresentar as possibilidades de objetivação e de subjetivação em um movimento teórico-analítico construído a partir de um recorte específico. Assim, não se busca uma mera descrição, mas uma teorização discursiva; a análise de um funcionamento do discurso com base em sua historicidade. Cabe lembrar que importa verificar a dispersão de discursos que objetivam o idoso, atravessam e constituem sua subjetividade - considerando que discurso é prática e todas contribuem para analisar as formas de objetivação e subjetivação da terceira idade. É a busca por esse espaço de dispersão que justifica a seleção de portais e de blogs que têm como alvo a população idosa.

Importa salientar que, a partir dos fundamentos de Foucault (2008), o propósito é conceber o enunciado como um acontecimento incapaz de se esgotar inteiramente. De acordo com o teórico, por um lado, um enunciado está ligado a um gesto de escrita, à articulação de uma palavra e, por outro, abre para si mesmo uma existência remanescente no campo de uma memória, é único como acontecimento, mas também é aberto à repetição e à transformação, além de estar ligado a enunciados que o precedem e o seguem. A análise, de acordo com o teórico, não busca relacionar o acontecimento enunciativo à intenção do autor, mas sim apreender outras formas de regularidade e outros tipos de relações: relações entre os enunciados (mesmo que escapem à consciência do autor; mesmo que se trate de enunciados que não têm o mesmo autor e que os autores não se conheçam); relações entre grupos de enunciados; relações entre enunciados ou grupos de enunciados e acontecimentos de ordens diferentes (técnica, econômica, social, política). Conforme Foucault,

Fazer aparecer, em sua pureza, o espaço em que se desenvolvem os acontecimentos discursivos não é tentar restabelecê-lo em um isolamento que nada poderia superar; não é fechá-lo em si mesmo; é tornar-se livre para descrever, nele e fora dele, jogos de relações (FOUCAULT, 2008, p. 32).

Ainda de acordo com esse autor, o trabalho com os fatos de discurso pressupõe sua libertação de todos os grupamentos considerados como unidades naturais, imediatas e universais, criando, assim, a possibilidade de descrição de outras unidades, mas por meio de decisões controladas. A constituição de relações, embora não tenham sido formuladas, por elas próprias, nos enunciados, não configuram um discurso secreto, ou seja, não é uma interpretação dos fatos enunciativos que poderia trazê-los à luz, mas a análise de sua coexistência, de sua sucessão, de seu funcionamento mútuo, de sua determinação recíproca, de sua transformação independente ou correlativa (FOUCAULT, 2008). O teórico atenta ainda para o fato de estar fora de cogitação a possibilidade de se descrever, sem limites, todas as relações que possam aparecer. É necessário, portanto, instituir um recorte.

Para além dessas considerações, importa destacar ainda que na presente análise é preciso levar em conta as características próprias da internet. Segundo Navarro (2015), a prática discursiva da web, devido ao fato de estar sustentada pelo dispositivo de poder das “novas tecnologias”, estabelece a distinção entre o “velho velho” e o “novo velho”. Essa distinção, conforme o autor, separa as identidades, colocando à margem desse dispositivo os sujeitos que não utilizam a web, ao mesmo tempo em que dá visibilidade aos novos corpos velhos que se sujeitam a esse mesmo dispositivo. A esse respeito, o autor argumenta que a web desempenha um papel importante, por dar visibilidade a corpos envelhecidos, que antes eram condenados ao anonimato (NAVARRO, 2015). Com base no entendimento de dispositivo como máquinas de fazer ver - por lançar luz sobre os sujeitos -, Navarro (2015), discorre que a distinção entre “velho velho” e “novo velho”, analisada à luz do dispositivo e da prática discursiva na qual se constitui a web, possibilita uma relação poder-saber, que, manifestada em tal prática, dá visibilidade a um segmento social antes esquecido, mas que agora, por meio das políticas de inclusão de digital, por exemplo, está incluída em quadros estatísticos. O governo da população idosa, de acordo com o autor, deve fazer viver essa mesma população, e uma das formas é dar-lhe condições de acesso ao mundo digital. O poder tira os idosos da condição de sujeito à espera da morte e os inclui novamente no sistema capitalista. O corpo do “novo velho” é um corpo que produz. Nesse sentido, o “novo velho” é aquele cujo corpo se adapta às novas formas de interação com o mundo, pela linguagem da

web; e uma das formas de manifestação do exercício desse poder é fazer esse sujeito falar conforme as regras de formação discursiva da web. Um dos passos para que isso ocorra é dar ao idoso os instrumentos para que possa acessar o mundo digital, o que implica uma espécie de “letramento” digital. Portanto, o idoso que acessa a web deve saber que está diante de um tipo de escrita e texto diferentes daqueles com que está habituado a lidar e será bem-sucedido como leitor caso se sujeite aos dispositivos dessas “novas tecnologias” de informação (NAVARRO, 2015).

Com base nas discussões apresentadas no presente trabalho, importa demarcar que se parte, nesta análise, do entendimento de que a objetivação corresponde ao discurso como prática que forma os objetos de que fala. Quando um discurso trata de um determinado objeto e sujeito, ele é criado como objeto de saber. Em relação ao idoso, por exemplo, há diversas práticas discursivas originadas de vários campos do saber, que ditam o que ele é e como deve agir, e é quando ele assume essas práticas, se assujeita a elas e passa a agir de acordo com o que lhe é dito, que ele se subjetiva. A subjetividade, portanto, se constitui em um movimento de resposta ao movimento de objetivação, ou seja, o sujeito trabalha com os discursos, escolhendo ou não assumir o que é ditado e prescrito a ele.

Antes de dar início ao movimento de análise, cabe apresentar uma descrição de cada veículo selecionado.

Portal do Envelhecimento¹⁰: Criado em 2004 como um dos projetos do Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento (Nepe), da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), é alimentado por mais de 80 colaboradores de variados campos do saber - jornalistas, publicitários, enfermeiros, gerontólogos, assistentes sociais, psicólogos, entre outros, do Brasil e do mundo, todos estudiosos do processo de envelhecimento e, segundo consta na plataforma “na perspectiva do ser que envelhece e não unicamente que adocece, pressuposto para o desenvolvimento da contínua construção de uma ‘Cultura da Longevidade’. Em 2014, o portal tornou-se uma empresa de negócio social, com a mesma missão de “transferir informações qualificadas sobre a velhice e o envelhecimento, possibilitando o acesso democrático ao conhecimento sobre esta instigante fase da vida”. Consta, ainda, no Portal, a seguinte descrição: “nossa missão social tem norteado a produção de conteúdos com

¹⁰ Disponível em: <http://www.portaldoenvelhecimento.com.br/>. Acesso em: 6 ago. 2019.

credibilidade, tornando-se hoje referência sobre o longeviver no país. Nestes anos consolidamos o Portal, considerado Programa Exemplar na 7ª Edição Talentos da Maturidade, promovido pelo Banco Real, em 2005, quando estava abrigado no Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da PUC-SP, hoje nosso grande parceiro. Em 2010 iniciamos a publicação da Revista Portal de Divulgação (ISSN 2178-3454), que traz artigos ligados à velhice, envelhecimento e longevidade humana com rigor, simplicidade e acessível ao leitor não especialista. Os artigos opinativos não refletem necessariamente a visão do Portal”.

Viva a Velhice¹¹: Alimentado por Juraci, que se apresenta como uma avó coruja de quatro netos e cujo blog reflete seu olhar sobre a cultura da longevidade e o desejo de encontrar parcerias de todas as idades para compartilhar as informações, a curiosidade e a alegria de viver um envelhecimento saudável. A autora destaca que entende a velhice como algo sério e por isso resolveu tratar de forma amena a complexidade do tema, por meio de um blog. Em 2018, Juraci se especializou no primeiro curso de Especialização em Gerontologia na Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), aos 74 anos. O blog tem temas divididos em diversas categorias e apresenta postagens mensais desde abril de 2015. A autora publica conteúdos produzidos por órgãos institucionais e profissionais de áreas diversas, com a indicação de origem e autoria.

50 e mais - vida adulta inteligente¹²: O blog foi criado em 2010 pela jornalista Maya Santana e é apresentado como sendo um espaço de discussão sobre a vida adulta, inovador e sem preconceitos. A jornalista publica conteúdos de outros autores e veículos, mas de forma interativa: ela apresenta o tema a ser tratado, com suas palavras e de forma coloquial, e, em seguida, reproduz o conteúdo. Não há periodicidade definida para as postagens - que ocorrem de forma esporádica. O **50 e +** é dividido entre as áreas: Sobre o blog; Saúde; Cultura; Viagem e Lazer; Moda; Vida Profissional; Anuncie no Blog; Contato.

Viver depois dos 50¹³: Produzido por Maria Aparecida Costa, Assistente Social e educadora em Saúde Pública formada pela USP. - que se apresenta como uma profissional de saúde

¹¹ Disponível em: <http://www.vivaavelhice.com.br/>. Acesso em: 6 ago. 2019.

¹² Disponível em: <http://www.50emails.com.br/>. Acesso em: 6 ago. 2019.

¹³ Disponível em: <https://viverdepoisdos50.com/>. Acesso em: 6 ago. 2019.

pública aposentada, e criou o portal para auxiliar em sua reinvenção e conectar-se com outros que se identificam com os mesmos temas. Trabalha como profissional de saúde pública há mais de 20 anos. Prestes a se aposentar, criou o viverdepoisdos50.com para auxiliar em sua reinvenção e conectar-se com quem identifica com os mesmos temas. Os conteúdos veiculados são produzidos pela própria responsável pelo site.

Para dar prosseguimento ao trabalho, passa-se, na próxima seção, ao desenvolvimento da análise.

4.1 Sequências Enunciativas (Eixo Saúde)

A objetivação de um “novo idoso” posiciona esse sujeito como aquele que continua ativo após a aposentadoria, e isso ocorre de variadas formas: viagens, atividades físicas e manutenção da sexualidade, por exemplo. Nesse sentido, o dispositivo médico se apresenta como grande responsável pela hegemonia de discursos que enunciam verdades sobre a velhice - ao esquadrihar o corpo do sujeito idoso e prescrever normas a serem seguidas para a prevenção de doenças, conquista e manutenção da saúde. Tal dispositivo funciona como agenciador para que o idoso vivencie todas as demais oportunidades que a longevidade carrega consigo: viagens, relacionamento, lazer, entre outros, tendo em vista que um sujeito acometido por doenças graves ou debilitado não terá condições de usufruir disso. Contudo, o campo associado abarca outros discursos, como os da nutrição e da educação física. Todos esses saberes atravessam e constituem o corpo do idoso, ao prescrever os hábitos adequados para se ter uma vida longa, saudável e ativa.

A produção e a disseminação de discursos a respeito da saúde dos idosos demonstram, ainda, como a história atua na construção de objetivações e de subjetivações - o enunciado de um novo idoso, ativo e saudável é cercado por outros que, historicamente, concebiam este sujeito como inerte e doente. Essa ruptura que colocava os idosos em uma posição-sujeito de dependente e inutilizado o direciona para outras posições. Contudo, de certa forma, isso também lhe é imposto, tendo em vista que gerir uma população que cresce vertiginosamente sem que esta esteja saudável implica riscos à ordem econômica. São os saberes disseminados pela sociedade e assumidos como verdade que constroem a ideia de que somente na juventude se tem as condições de saúde que possibilitam ser ativo e que, para ser um idoso com essas características, é preciso seguir procedimentos rígidos prescritos pela Medicina.

Para investigar o processo de objetivação e de subjetivação concernentes a esse eixo, mobilizam-se seis sequências enunciativas retiradas dos portais e blogs selecionados para análise, quais sejam:

(SE 1) Idosos devem fazer musculação e consumir proteína em pó

(SE 2) Dicas de como manter a memória saudável

(SE 3) Aos 100, dona Manira está com a memória melhor do que a minha

(SE 4) Computador ajuda idoso a preservar a memória

(SE 5) Eis os 5 mandamentos para um envelhecer sadio

(SE6) Oftalmologia se prepara para atender aos novos velhos

O artigo referente a SE1 foi escrito por uma jornalista, editora de Ciência do Telegraph, jornal britânico publicado em Londres e distribuído em todo o Reino Unido. Ao final da publicação, constam as informações sobre a profissional vinculada ao Portal do Envelhecimento e responsável pela tradução do texto - trata-se de uma graduada em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, que colabora com artigos sobre o envelhecimento populacional mundial e com traduções.

O artigo em questão abarca um estudo de especialistas na área da saúde que revela que musculação e suplementação proteica são mais apropriados para pessoas de idade mais avançada, aquelas com mais de 80 anos. Quando a jornalista responsável pelo texto adota o uso do verbo “devem”, se estabelece uma relação de poder sobre os idosos, já que é utilizado um verbo que indica obrigação. O Portal do Envelhecimento, por sua vez, ao publicar tal conteúdo, reforça e estabelece essa relação com os idosos que visitam sua página, portanto, objetivando-os como o “novo idoso”.

De acordo com os especialistas citados no texto, o aumento da expectativa de vida está fazendo com que um número crescente de idosos se tornem cada vez mais frágeis. Estima-se

que até os 80 anos uma em cada dez pessoas sofra de enfermidades, e que a partir dessa idade o número aumenta para metade das pessoas.

Cabe observar o seguinte trecho:

Figura 1 - Idosos devem fazer musculação e consumir proteína em pó

Os autores fizeram sugestões sobre o que os médicos de clínica geral deveriam recomendar aos seus pacientes, incluindo: 20 a 25 minutos de atividade, quatro dias por semana em casa, incluindo 15 exercícios para fortalecer braços e pernas e melhorar o equilíbrio e a coordenação.

Os autores também recomendam aos clínicos a darem ênfase na dieta diária de leite, ovos, atum ou frango ou, se preferirem, fórmulas proteicas com as refeições.

Fonte: Portal do Envelhecimento

É possível notar que o discurso assume o tom prescritivo, próprio de quem assume o papel daquele que detém poder e saber sobre o corpo da população idosa. A manifestação desse tipo de governamentalidade pode ser encontrada no trecho em questão, que se projeta sobre o corpo idoso e tenta fazer com que ele se enquadre no modelo de idoso saudável e ativo.

Importa salientar que, em uma análise orientada pelos pressupostos de Foucault, é preciso considerar o “lugar” e a “posição” de sujeito que atravessam as práticas discursivas. Nesse sentido, a formação dos profissionais que produzem e veiculam os conteúdos neste Portal confere um poder ao exercício do seu discurso, pois, ao deter um tipo de saber, é produzida uma verdade, dando a estes profissionais o *status* de prescrever normas - com a produção de efeito de que o idoso que não as adotar terá algum tipo de problema.

O artigo é atravessado por saberes e poderes da prática midiática e da prática médica - por ter sido escrita por uma jornalista, com base em uma pesquisa realizada por profissionais da área médica. O discurso médico e o jornalístico se constituem como campos legitimados, autorizados a falar, e se entrecruzam na produção de subjetividades do sujeito idoso. O status médico, segundo Foucault (2008), compreende critérios de competência e de saber; instituições, sistemas, normas; condições legais que dão direito à prática e à experimentação do saber. Trata-se, de acordo com o teórico, de um status bastante singular em todas as formas de sociedade e de civilização. A fala médica, conforme o teórico, não pode vir de quem quer que seja; seu valor, sua eficácia, e, de maneira geral, sua existência não são dissociáveis de alguém que tem o direito e o status de falar. Tal saber, de acordo com o estudioso, foi ainda profundamente modificado na civilização ocidental, no final do século XVIII e no início do

século XIX, quando a saúde das populações se tornou uma das normas econômicas requeridas pela sociedade industrial (FOUCAULT, 2008).

A mídia, por sua vez, conforme Gregolin (2007), cria uma ilusão de “unidade” do sentido, um recurso discursivo por meio do qual desempenha o papel de mediação entre os leitores e a realidade. O que os textos da mídia oferecem, de acordo com a autora, não é a realidade, mas uma construção que permite ao leitor produzir formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta. Na sociedade contemporânea, a mídia é o principal dispositivo discursivo por meio do qual é construída uma “história do presente” como um acontecimento que cruza memória e esquecimento. Esse efeito de “história ao vivo” é produzido pela instantaneidade da mídia, que interpela constantemente o leitor por meio de textos verbais e não-verbais, delineando a história presente por meio da ressignificação de imagens e palavras fixadas no passado (GREGOLIN, 2007).

Ainda conforme com a autora, os discursos veiculados pela mídia, baseados em técnicas como reportagens, entrevistas e depoimentos, operam um jogo no qual se constituem identidades baseadas na regulamentação de saberes sobre o modo como as pessoas devem gerir suas vidas. É possível, segundo Gregolin (2007), visualizar essa rede de discursos nas propagandas veiculadas na grande mídia brasileira, nas quais se institui a subjetivação nas práticas que propõem um padrão corporal, e na construção dos lugares a serem ocupados por homens e mulheres. Articuladas a outros enunciados que com elas dialogam, essas propagandas atuam como dispositivos por meio dos quais se instalam representações e forjam-se diretrizes que orientam a criação simbólica da identidade.

A SE 2 e a SE 3, publicadas, respectivamente, no *Portal do Envelhecimento* e no blog *50 e mais*, abarcam em seu campo associado discursos que concebem o idoso como um sujeito que, naturalmente terá problemas decorrentes do processo de envelhecimento, como a perda da memória.

O conteúdo divulgado no *Portal do Envelhecimento* é de autoria de uma Pedagoga, Mestre em Gerontologia, Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Diretora da GeroVida – Arte, Educação e Vida Plena. Docente do Curso de Mestrado em Psicologia / Psicossomática da UNIB (SP). Professora, pesquisadora e terapeuta em Homeostase Quântica Informacional. Tal formação lhe confere um *status* autorizado a falar, legitimado a prescrever ações que, caso sejam adotadas pelos idosos, os ajudarão a se manter afastados de uma velhice considerada tradicional, associada a patologias. Para a produção do

material, a autora se baseou em informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e em literaturas específicas sobre idosos.

No texto (SE2) nota-se, novamente, o tom prescritivo, que dita o que os idosos devem fazer para tentar evitar a perda da memória:

Figura 2 – Dicas de como manter a memória saudável

- Praticar atividade física regularmente. Escolher uma que goste e pedir orientação profissional;
- Ter bom sono regularmente;
- Em casos de alterações importantes de humor, como quadros depressivos ou ansiosos, procurar profissional especializado;
- Ter metas e objetivos na vida;
- Se manter ativo, desenvolvendo atividades que goste;
- Descobrir aquilo que te faz feliz e manter estas atividades em sua rotina;
- Realizar atividades que estimulam a memória e o raciocínio;
- Aumentar a rede de relações sociais para aumentar a competência linguística;
- Ter um método organizado de administrar o tempo;
- Acreditar na própria capacidade e habilidades;
- Utilizar estratégias de treinamento de memória.

Fonte: *Portal do Envelhecimento*.

Assim, a posição-sujeito que pode e deve assumir qualquer indivíduo para ser sujeito do referido enunciado é de um idoso que, caso se mantenha ativo e siga as dicas mencionadas, poderá manter sua memória sadia. O campo associado desse enunciado abarca discursos da Medicina, da Psicologia e da Educação física. Todos esses saberes atravessam o corpo do idoso, ao prescrever os hábitos adequados para se ter uma boa memória e, conseqüentemente, uma vida saudável e ativa.

Importa registrar que, além do nível linguístico do enunciado, há também o imagético. Antes mesmo de iniciar a leitura, o leitor se depara com a seguinte imagem:

Figura 3 – Dicas de como manter a memória saudável



Fonte: *Portal do Envelhecimento*.

No decorrer do texto, é inserida ainda a imagem a seguir:

Figura 4 – Dicas de como manter a memória saudável



Fonte: *Portal do Envelhecimento*.

Compreende-se que a primeira imagem cria o efeito de incentivar e influenciar os idosos a seguirem a dica de, por exemplo, praticar palavras cruzadas e, assim, evitar a perda da memória. Na segunda, cabe destacar a expressão facial dos sujeitos: as mulheres aparecem na imagem sorrindo, o que cria, imageticamente, o efeito de conforto que também poderá ser desfrutado por aqueles leitores que adotarem as dicas prescritas.

O texto referente à SE 3 é produzido pela autora do blog, uma idosa, que apresenta a trajetória de uma mulher de 100 anos. Ao afirmar, logo no título, que a entrevistada tem uma memória “melhor do que a minha”, ela própria assume uma posição-sujeito de uma idosa estereotipada, que, por conta da idade, tem dificuldade de se lembrar das coisas e que não é comum encontrar alguém mais velho com uma memória mais preservada que a de alguém mais jovem. Isso pode ser observado no trecho a seguir:

Figura 5 - Aos 100, dona Manira está com a memória melhor do que a minha

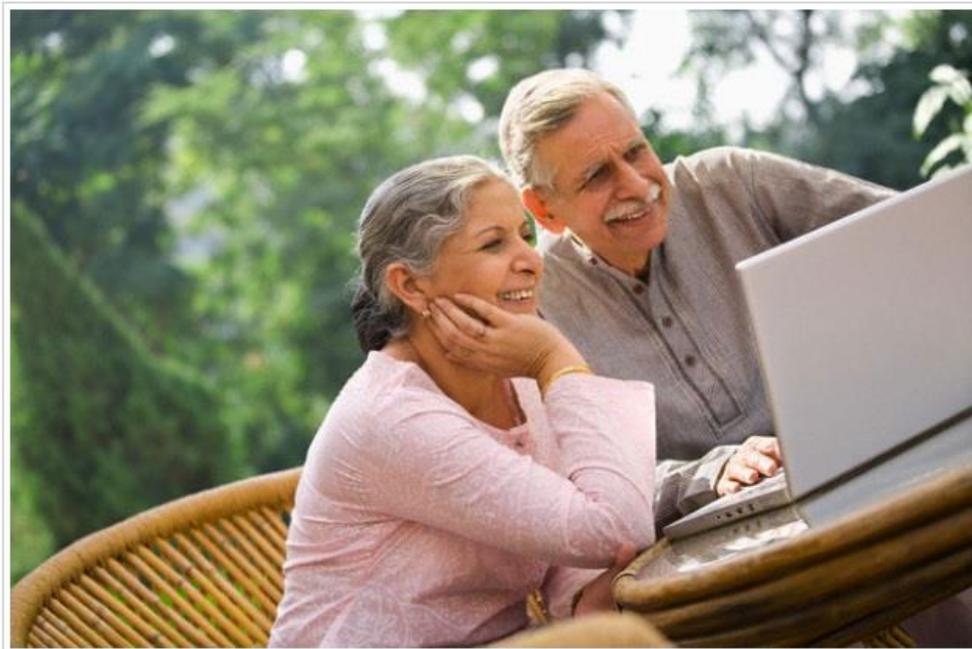
Subindo a serra, a caminho da cidade mineira, a três horas do Rio, fui imaginando como estaria aquela senhora de fé inabalável, com uma força interior tamanha, capaz de norteá-la e apaziguá-la, mesmo diante da morte de duas das três filhas (Berenice, a mais velha, morreu cinco anos depois de Valéria, também de câncer). Chegamos ao endereço, no centro da cidade. Subimos ao décimo segundo andar do prédio e, ao entrar na sala onde ela, sentada em uma confortável poltrona, assistia a um filme na televisão, veio a enorme surpresa: dona Manira parecia ter 20/30 anos a menos. E, logo, revelou estar com a memória melhor do que a minha.

Fonte: Blog *50 e mais*

No excerto, a idosa, autora do blog, mostra-se surpresa ao encontrar outra com 100 anos de idade, mas que aparentava ter 20 ou 30 anos a menos, e, ainda, com a memória melhor do que a dela.

A SE 4 é referente a um estudo publicado pela revista *Veja* e replicado pela autora do blog *50 e mais*. A matéria demonstra novamente a objetivação de um novo idoso, que não só cuida da saúde, mas agora faz isso por meio de ferramentas antes utilizadas pelos mais jovens, como o computador. Isso é reforçado, inclusive, com o uso da imagem a seguir, inserida antes do texto:

Figura 6 - Computador ajuda idoso a preservar a memória



Uso da internet auxilia, impedindo a diminuição da capacidade de raciocínio

Fonte: Blog *50 e mais*

Analisando essa sequência enunciativa com base na função enunciativa tem-se como referencial um novo modo de vida para o idoso, tendo em vista que se parte do pressuposto de que os idosos, atualmente, estão conectados às tecnologias. O sujeito que pode assumir essa posição é um idoso ativo, que mesmo que para retardar ou melhorar dificuldades tidas como típicas dessa faixa-etária, agora o faz com ferramentas até então direcionadas somente aos jovens, como o uso do computador. A imagem reforça essa função enunciativa, pois mostra dois idosos sorrindo, o que cria o efeito de que, caso os idosos leitores da matéria sigam o mesmo caminho, também ficarão satisfeitos e alegres.

Contudo, o trecho “utilizar o computador pode ajudar os idosos a reduzir a perda de memória e a diminuição da capacidade de raciocínio e de aprendizado que ocorrem naturalmente com a idade” se relaciona a enunciados que concebem o sujeito idoso que, impreterivelmente, terá problemas de memória por conta da idade.

A SE 5 faz parte de um conteúdo produzido pelo portal de notícias G1 e divulgado pela idosa em seu blog, *50 e mais*. O conteúdo é atravessado pelo saber médico, que, ao cunhar o termo mandamentos, aponta uma posição que, caso seja adotada pelo idoso, garantirá uma velhice sadia, com o efeito de que “deve ser seguido religiosamente para funcionar”. Isso pode ser observado no trecho a seguir:

Figura 7 - Eis os 5 mandamentos para um envelhecer sadio

Comer bem. Praticar atividades físicas. Não é de hoje que perseguimos a fórmula ideal para manter o corpo e a mente saudáveis, apesar do tempo que insiste em passar. E informação é o que não nos falta. O brasileiro se cuida, aprende, se esforça para viver mais e melhor.

Por que ainda é tão difícil? O que está faltando?

A melhor universidade do mundo foi atrás desta resposta. Pesquisadores de Harvard e da Universidade da Califórnia descobriram que o segredo pode estar dentro de nós.

E um médico brasileiro traduz o trabalho em cinco mandamentos. Fundamentais para quem deseja uma velhice feliz.

Primeiro mandamento: decisão. Disciplina e determinação para por em prática tudo aquilo que já sabemos.

Fonte: Blog *50 e mais*

O saber organizado produz a ideia de que a terceira idade, atualmente, não se preocupa somente em viver com mais saúde, como busca fazer dessa etapa um novo projeto de vida. Isso pode ser verificado no último mandamento: “ter um projeto para a aposentadoria, que não seja somente garantir a renda necessária para viver”, que é acompanhada do excerto a seguir:

Figura 8 - Eis os 5 mandamentos para um envelhecer sadio

“A aposentadoria hoje não dura apenas cinco ou dez anos como no passado, ela pode durar 20, 30 anos. Então é preciso ter um projeto para esse momento da vida. Porque essa história de sonhar em fazer nada, sonhar em ser inútil, sonhar em não ter compromisso, isso não é um projeto de vida, isso é um projeto de morte. Esse projeto não é voltar ao trabalho, não significa voltar a ter renda, mas ter algo que preencha a vida, algo que dê significado a vida”, completou o geriatra.

Fonte: Blog *50 e mais*

Novamente, tem-se como referencial uma nova condição para essa etapa da vida, com um domínio associativo que abrange discursos oriundos de diversos campos do saber e estão atrelados a uma velhice que vai além de ter somente o necessário para viver, mas que possibilite uma vida ativa e inclua ações comumente atreladas à juventude, como a busca por viagens e outras opções de lazer. Ao publicar o material, a idosa autora do blog inseriu ainda a seguinte imagem:

Figura 9 - Eis os 5 mandamentos para um envelhecer sadio



Fonte: Blog *50 e mais*

O conteúdo imagético reforça a ideia de que, caso sigam os mandamentos, os idosos leitores se sentirão alegres, saudios e fortes, como a mulher representada na foto.

Ao publicar o conteúdo em seu blog, a idosa adota para si posição de alguém que, ao mesmo tempo em que se enquadra na objetivação do novo idoso, como quando descreve seu blog como “um espaço de discussão inovador”, acredita ser necessário seguir prescrições, dicas e mandamentos oriundos de vários campos do saber que entendem que o idoso necessita de um suporte especial para se manter sadio e ativo.

A SE6 demonstra claramente a ruptura com uma prática discursiva, que agora coloca o sujeito idoso em uma nova posição, ao adotar o termo “novos velhos”, conforme pode ser observado no excerto que segue:

Figura 10 – Oftalmologia se prepara para atender aos novos velhos

A oftalmologia geriátrica é um campo de estudos que vem crescendo justamente para atender a esses “novos velhos”, bem diferentes dos das gerações anteriores.

As estimativas para o ano 2025 são de que o Brasil terá a sexta maior concentração de idosos do mundo – acima de 32 milhões, quase 13% da população – e a prevalência de doenças oculares aumenta com a idade.

Do Blog Longevidade: Modo de usar, por Mariza Tavares

Conversei sobre o perfil desses pacientes com a médica Marcela Cypel, doutora em oftalmologia pela Universidade Federal de São Paulo, coautora do premiado livro “Oftalmogeriatrics” (com o professor Rubens Belfort Jr. e outros especialistas), filiada ao Conselho Brasileiro de Oftalmologia e membro da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia: “A oftalmogeriatrics tem uma visão direcionada para o olho dentro do contexto atual. Não temos como fugir das alterações fisiológicas, mas o idoso de hoje é mais ativo e tem um nível de exigência bem maior: está no computador, dirige, viaja. Qualidade de visão significa qualidade de vida”.

Fonte: Blog *Viva a Velhice*

O texto foi replicado pela autora do blog *Viva a Velhice* – é de autoria de uma jornalista e foi publicado originalmente em um blog sobre a velhice vinculado ao portal de notícias G1. Com base na função enunciativa, a análise dessa sequência tem como referencial uma nova vida para os idosos, por conta dos dados oficiais que mostram o aumento da expectativa de vida. Portanto, a posição-sujeito que se pode assumir é a de um idoso ativo que, por viver mais, quer viver melhor, conectado, dirigindo, viajando e que, para isso, também busca cuidar da saúde em todas as suas possibilidades, incluindo a visão.

A noção de poder cunhada por Foucault (2010) se apresenta nesse movimento descritivo-analítico no sentido de que o conceito se afasta de uma concepção de repressão e censura, passando a atuar com o objetivo de gerir a vida, controlar as ações dos homens para aproveitar ao máximo suas potencialidades em um sistema de aperfeiçoamento gradual e contínuo (MACHADO, 2010). Se, por um lado, o poder disciplinar está ligado à docilização do corpo, a ideia de Biopoder sobre a qual fala Foucault age não mais sobre um único indivíduo, mas sobre toda uma população, visando a manutenção da vida. Tendo em vista que o aumento do número de idosos inseriu este sujeito como parte de uma população-alvo, entende-se, com base em Foucault, que se tornaram foco de um poder produtivo para gerir sua vida. Os discursos acerca da promoção da saúde do idoso estão, portanto, inseridos na dinâmica do biopoder, a partir do momento em que buscam controlar e disciplinar o corpo, individual e coletivo, por meio de diferentes práticas de saúde. Os cuidados com a saúde são atravessados por relações de poder-saber que funcionam como estratégias de governo dos corpos, dirigindo e regulando os modos de ser e de agir.

Conforme Gastaldo (1997), parte do projeto contemporâneo de saúde integra o exercício do biopoder, porque envolve disciplinamento e aprendizagem de normas de comportamento cujo objetivo é promover saúde a um conjunto de indivíduos que constituem

um grupo ou uma população - como os idosos. Isso se dá por meio de diversos processos que prescrevem ou sugerem a adoção de hábitos considerados ideais para a conquista de uma vida saudável. O ideal de idoso saudável e ativo atua como um modo de objetivação por meio de um dispositivo saber-poder, em que especialistas de diversos campos do conhecimento legitimam um discurso e normatizam modos de conduta para esse indivíduo. Para Tótora,

O velho, nesta relação de poder e de saber, dispõe de um corpo alvo de controle de uma ciência à qual se atribui a meta de prolongar a vida, evitando a morte. Os profissionais do saber arvoram-se, muitas vezes, em condutores do modo de se viver, instituindo nos viventes a cultura pelos malefícios que venham a sofrer. Na pretensão de dirigir a vida, controlando o seu processo, com o intuito de melhorá-la, multiplicam-se as prescrições a serem seguidas como modelos gerais (TÓTORA, 2006, p. 37).

Sousa (2013) recorda que é justamente essa a característica do biopoder de que fala Foucault. Nessa estratégia, não mais se determina o direito de causar a morte ou de deixar viver, não mais se exerce um poder sobre os corpos de cada indivíduo; é um tipo de poder que visa fazer viver e deixar morrer, exercido sobre o corpo da população, normalizando as condutas: a biopolítica. Ela destaca que esse poder sobre a vida, segundo o teórico, se desenvolveu de duas formas: as disciplinas do corpo e as regulações da população, abrindo-se, então, a era do biopoder (que faz do poder-saber um agente transformador da vida humana). E para essa transformação ocorrer passa a funcionar uma sociedade de controle, que tem que qualificar, medir, distribuir, avaliar, fazer falar.

A sociedade de controle desenvolve mecanismos cada vez mais democráticos e pode ser caracterizada por uma intensificação e uma síntese dos aparelhos de normalização e de disciplinarização. Exemplo disso é a ditadura do bem-estar, da beleza; é a obrigatoriedade de ser feliz segundo padrões já testados e definidos. As tecnologias do biopoder e os saberes investidos nessa tecnologia produzem as categorias de anormalidade (delinquente, pervertido, doente, etc), com base no par normal/anormal, e constroem formas para eliminá-las, conquistando, assim, o apoio da população que acredita ter a seu dispor meios para viver de forma segura, amparada, saudável e protegida (SOUSA, p.198-199, 2013).

Tendo em vista que tais discursos circulam tanto nos espaços produzidos por profissionais diversos para idosos quanto pelos próprios idosos, compreende-se que na sequência enunciativa organizada este sujeito assume/aceita a objetivação que lhe é imposta por meio do dispositivo médico e de saberes oriundos de diversos campos, e se subjetiva

como um idoso que precisa ser saudável e, para tanto, ativo. Contudo, essa objetivação do “novo” idoso é atravessada por uma objetivação tradicional acerca da velhice, tendo em vista que circulam também nesses suportes digitais discursos que concebem os idosos como sujeitos que necessitam de cuidados especiais para que possam usufruir dos benefícios da longevidade.

Na seção seguinte, passa-se à análise referente ao Eixo temático Estética.

4.3 Sequências Enunciativas (Eixo Estética)

Conforme já mencionado, o aumento do número de idosos cedeu espaço a discursos que objetivaram o que seria um novo idoso: aquele que domina as novas tecnologias de informação e se ocupa com atividades de lazer, ou seja, é alguém que busca a longevidade e, ao mesmo tempo, a manutenção de traços característicos da juventude, como saúde e beleza. Nesse contexto, o mercado oferece diferentes meios para retardar os efeitos do envelhecimento, com a promessa de que “a velhice pode ser eternamente adiada através da adoção de estilos de vida e formas de consumo adequadas” (DEBERT, 1999, p. 43). Segundo a autora, há

um novo elenco de formas de manutenção corporal, envolvendo comidas saudáveis, vários tipos de ginástica, vitaminas e uma parafernália de remédios também a indicar claramente como ‘os que não se sentem velhos’ devem comportar-se (DEBERT, 1999, p. 65).

Para analisar o processo de subjetivação presente no *corpus* sob investigação, são analisadas cinco sequências enunciativas retiradas dos portais e blogs selecionados.

SE1 Tenho rugas

SE2: Corpo saudável e bonito no verão: Como a alimentação pode ajudar

SE3: Cada vez mais mulheres fazem opção por não pintar o cabelo

SE4: Não são as nossas rugas que nos fazem parecer mais velhas

SE5: Pesquisa revela que idosos estão mais preocupados com a aparência

A SE1 é referente a um texto publicado no portal *Viver depois dos 50*, de autor desconhecido, e replicado pela idosa responsável pelo site.

O texto apresenta trechos como:

Figura 11 – Tenho rugas

Eu tenho rugas **porque tive filhos e fiquei preocupada com eles desde a concepção**, mas também **porque sorri para todas as suas novas descobertas e porque passei muitas noites em claro...**

Tenho rugas porque eu também chorei...

Chorei pelas pessoas que amei e que foram embora, por pouco tempo ou para sempre, sabendo ou sem saber o porquê.

Tenho rugas porque **passei horas sem dormir para observar os projetos que correram bem... mas também para cuidar a febre das crianças, para ler um livro ou fazer amor.**

Vi lugares lindos, novos, que me fizeram abrir a boca espantada e ver os lugares antigos, antigos, que me fizeram chorar.

Dentro de cada sulco no meu rosto e no meu corpo, se esconde a minha história... se escondem as emoções que vivi... a minha beleza mais íntima.

E se apagar isso, apago a mim mesma.

Fonte: Portal *Viver depois dos 50*

A publicação desse tipo de conteúdo dá visibilidade à posição enunciativa que a idosa responsável pelo blog assume nesse processo que, como vem-se perseguindo, objetiva o idoso como aquele que, para se sentir bem e belo, não precisa negar os traços característicos que acompanham a velhice. Isso é reforçado com a inserção da imagem de dois idosos em situação de afeto, que replica e reforça o efeito de que é possível ser feliz independentemente da idade:

Figura 12 – Tenho rugas



Fonte: Portal *Viver depois dos 50*

A SE2, retirada também do portal *Viver depois dos 50*, está contida em um texto de autoria de uma nutricionista e publicado pela idosa responsável pelo site. Nesse material, antes do texto, o leitor se depara com a seguinte imagem:

Figura 13- Corpo saudável e bonito no verão: Como a alimentação pode ajudar



Fonte: Portal *Viver depois dos 50*

A relação entre as duas sequências enunciativas (SE1 e SE2) aponta para dois modos de objetivação: ao mesmo tempo em que busca motivar os idosos a aceitarem as mudanças tidas como naturais do processo de envelhecimento, como as rugas, os incentiva a adotarem uma alimentação que, para além da saúde, promova benefícios estéticos e ajude a conservar traços da juventude. Isso está enunciado, por exemplo, nos seguintes trechos, referentes à S2:

Figura 14- Corpo saudável e bonito no verão: Como a alimentação pode ajudar

Várias pessoas perguntam como podem melhorar a estética do corpo através da alimentação? Tornar a pele e cabelos mais bonitos e até mesmo rejuvenescer?

Os principais passos para manter a pele saudável, retardar o envelhecimento, combater os radicais livres*, prevenir outras doenças e controlar o peso é aderir a uma alimentação balanceada, aliada com a prática de exercícios físicos e uma boa dose de **nutrientes “parceiros da beleza”**.

Esses nutrientes são substâncias presentes nos alimentos, que depois da digestão e absorção atuam nas células. Sem eles as células deixam de funcionar em perfeito equilíbrio surgindo os incômodos que tanto atrapalham a estética do corpo.

Para a saúde do cabelo, unhas e pele, o corpo necessita de: Vitaminas A, E, C, betacaroteno, Magnésio e Selênio. Cada nutriente tem a sua função, por exemplo:

- Construir tecidos, auxiliar no tratamento de abscessos, furúnculos, acne e queda de cabelos.
- Proteger a pele da ação dos raios ultravioleta (previne envelhecimento)
- Preservar a estrutura e a sustentação das fibras da musculatura (atua na flacidez)
- Estimular a formação do colágeno que atua na elasticidade e sustentação da pele (evita as rugas)
- Fazer parte da constituição da unha

Para prevenir e tratar Celulite, necessitamos: Polifenóis e flavonoides, Vit E e C, que podem:

- Reduzir a permeabilidade das paredes dos vasos e aumentar a resistência dos micro-vasos.
- Evitar que líquidos infiltram-se entre as células de gordura, que é a celulite.

Para retardar o envelhecimento e combater os radicais livres, são importantes a Vitaminas A, E e C, licopeno, Selênio, polifenóis e flavonoides e o ácido graxo

omega 3; que são antioxidantes e eliminam os radicais livres.

Fonte: Portal *Viver depois dos 50*

O enunciado circula com um referencial de idoso que quer envelhecer, mas sem perder traços da juventude, como a beleza. A posição-sujeito que pode ser assumida para ser sujeito desse enunciado é de um idoso que envelhece, mas que busca meios para não aparentar, ao menos fisicamente, a idade que tem. Novamente, o campo associado é o da medicina, e, nesse caso, da estética, na materialidade das sequências enunciativas: “incômodos que tanto atrapalham a estética do corpo”, e “nutrientes parceiros da beleza”.

O fato de os conteúdos, embora sejam de autoria de outros profissionais, terem sido publicados pela idosa responsável pelo site sinaliza uma posição enunciativa de um idoso que adota para si essas duas possibilidades de objetivação/subjetivação: ora como sujeito que

busca lidar de forma positiva com os efeitos do tempo, ora como sujeito acredita ser válido adotar práticas que promovam o rejuvenescimento.

A SE3 e SE4 são sequências referentes ao blog *50 e mais* e também demonstram que, na atualidade, a representação da velhice se dá a partir de dois modos de objetivação: a do novo idoso, que busca manter traços característicos dos jovens, e a do idoso que, apesar do aumento da expectativa de vida, pode e deve buscar maneiras de se sentir jovem e belo, independentemente do avanço da idade e das mudanças físicas que isso acarreta, como o surgimento das rugas e dos cabelos brancos. O texto referente à SE3 foi publicado originalmente pela Revista *Istoé*, enquanto a SE4 faz parte de um artigo publicado originalmente pelo jornal *El País*. Ao publicar materiais oriundos de veículos jornalísticos conceituados, é possível compreender que a idosa autora do blog assume a posição de alguém que não precisa manter a aparência jovem para se sentir bela e ser ativa. Sobre a SE3, chama a atenção o trecho a seguir:

Figura 15 - Cada vez mais mulheres fazem opção por não pintar o cabelo

Os cabelos brancos estão na moda e cada vez mais mulheres optam por deixar de pintar as madeixas para assumir uma cabeleira prateada, livrando-se da escravidão das convenções estéticas baseadas no culto à eterna juventude.

Fonte: Blog *50 e mais*

O enunciado circula com um referencial de idoso que quer envelhecer sem precisar esconder um traço característico do processo de envelhecimento, que é o surgimento dos cabelos brancos. A posição-sujeito que pode e deve ser assumida para ser sujeito desse enunciado é de um idoso que envelhece assumindo as marcas típicas deste processo e que não busca o mito da eterna juventude.

Faz-se necessário observar que o texto referente à SE3 apresenta uma série de imagens de mulheres com cabelos brancos:

Figura 16 - Cada vez mais mulheres fazem opção por não pintar o cabelo



A diretora da 'Vogue' britânica Sarah Harris -
GETTY IMAGES/AFP



Ô rosto ajuda, é verdade. Mas não há como não admirar esse cabelo



Todo encanto do cabelo encaracolado



Muito charmoso esse corte

Fonte: Blog *50 e mais*

As imagens ajudam a reforçar o discurso de que é possível se sentir bela ao assumir os cabelos brancos, e isso ocorre também pelo tipo físico das mulheres que aparecem usando cabelos com cortes diferenciados. Nota-se que, mesmo os cabelos denotando velhice, os rostos não ou quase nada indicam os efeitos do processo de envelhecimento. A seleção dessas modelos, então, reforça ainda mais a ideia de beleza aliada à idade. Reforça esse discurso a citação de cantoras famosas e de mulheres do mundo da moda que aderiram ao cabelo grisalho. Assim, o processo de subjetivação aqui em funcionamento retira de um imenso arquivo de indivíduos que estão na terceira idade aqueles em cujo corpo as marcas do tempo ainda não deixaram seus vestígios. Em outras palavras, esse discurso, embora carregue consigo um efeito de totalização, somente acolhe certos indivíduos, com tipos físicos ideais. Trata-se, portanto, de um processo de objetivação bastante excludente.

Contudo, com base nos trechos a seguir (SE3), é possível notar que assumir os cabelos brancos configura uma ação de resistência frente a um poder que faz circular discursos que associam o grisalho ao velho e ao feio, especialmente quando se trata de uma escolha feita pelas mulheres. Há também em funcionamento um poder que objetiva uma normalização do grisalho para as mulheres – objetiva uma valoração positiva do grisalho ao mostrar pessoas públicas que assumiram os cabelos brancos.

Figura 17 - Cada vez mais mulheres fazem opção por não pintar o cabelo

Mesmo assim, os cabelos brancos das mulheres ainda não são valorizados como no caso dos homens, “percebidos de maneira positiva, por exemplo, como um sinal de sabedoria”, ressalta o sociólogo.

E a pressão social continua sendo muito forte: a escritora Tatiana de Rosnay contou à Paris Match, em 2016, que foi vítima de deboches quando deixou de pintar o cabelo.

“Para as mulheres, os cabelos brancos sempre foram malvistas do ponto de vista estético, já que eram exclusivamente associados à decadência física”, comenta o sociólogo Frédéric Godart.

“Junto com o prolongamento da expectativa de vida e com a afirmação progressiva das mulheres em todas as profissões e nos meios de comunicação, as coisas mudaram: um sinal de envelhecimento se converte em uma opção estética como outra qualquer”, completa Godart.

Fonte: Blog *50 e mais*

O artigo escrito por uma jornalista do El País (SE4) é replicado no blog com a seguinte imagem:

Figura 18 – Não são as nossas rugas que nos fazem parecer mais velhas

NÃO SÃO AS NOSSAS RUGAS QUE NOS FAZEM PARECER MAIS VELHAS



Fonte: Blog *50 e mais*

A imagem contribui para que os idosos leitores se sintam representados, por mostrar uma mulher com traços considerados típicos da velhice, como rugas e linhas de expressão, e aparecer sorrindo, feliz. Isso é reforçado no trecho: “Rejuvenescer não passa, necessariamente, por preencher rugas. Na verdade, quando uma pessoa sorri, ela parece mais atraente e jovem, apesar de estar marcando suas linhas de expressão” (SE4). É possível observar que ao mesmo tempo em que há um incentivo para que os idosos se sintam bem e

belos sem que isso implique negar os traços da velhice, como as rugas, a beleza dos sujeitos idosos não é tida como natural, o que pode ser notado com o uso do “apesar”.

A SE5 refere-se a uma matéria publicada pela Redação do *Portal do Envelhecimento*, tendo como referências bibliográficas sobre cirurgia plástica na terceira idade, e apresenta uma pesquisa que mostra que a opção por este tipo de procedimento aumenta na terceira idade, e que, além disso:

Figura 19 - Pesquisa revela que idosos estão mais preocupados com a aparência

Para pessoas cuja autoestima esteja muito baixa, Victor Cutait assinala que “pequenos procedimentos estéticos como botox e preenchimento facial contribuem para uma melhora significativa no visual, impactando diretamente no bem estar do paciente”, sem precisar fazer cirurgia.

Muitas pessoas querem viver muitos anos sem envelhecer e lutam freneticamente contra a idade. Essas pessoas acabam sofrendo muito, pois além de não entenderem as mudanças que ocorrem em seu organismo tampouco as aceitam. E o envelhecimento é um processo natural e inexorável.

O Portal do Envelhecimento, por meio de suas diversas matérias, procura a cada dia ajudar na construção de uma cultura da longevidade, cujas transformações corporais estão presentes. Nosso lema é: “estar informado sobre a longevidade humana é tudo de bom para se envelhecer de bem com a vida”. Caso contrário, se envelhecerá muito mal, e com certeza com depressão.

Fonte: *Portal do Envelhecimento*

Este excerto, de autoria da Redação do Portal, aponta para um modo de objetivação que concorre com o enunciado do novo idoso, pois, ao mesmo tempo em que a Redação, ou seja, os profissionais responsáveis pelos conteúdos do Portal, apresentam uma pesquisa que mostra as possibilidades para um idoso manter a aparência jovem, destacam que lutar freneticamente contra os efeitos do tempo é algo nocivo.

Nesse sentido, observa-se nas sequências enunciativas que essa objetivação não é inteiramente assumida pelos idosos nestes espaços virtuais, pois os discursos nos quais são sugeridas práticas para manter uma aparência jovem disputam espaço com outros que incentivam a busca por auto aceitação, como no caso de assumir os cabelos brancos e as rugas. Há um caráter polêmico no discurso acerca da estética, pois circulam discursos para que o idoso busque neutralizar os efeitos do tempo, recorrendo à medicina para isso, concomitantemente a outros discursos, que apontam para a beleza associada à incorporação da velhice.

4.4 Sequências Enunciativas (Eixo Sexualidade)

Com o recorte deste eixo de regularidades, visa-se investigar a forma como a sexualidade do idoso é representada nos portais e blogs selecionados para a análise. Com o aumento da população idosa que, por isso, se tornou objeto de uma produção discursiva que culminou na objetivação do “novo idoso”, entre as práticas características do exercício dessa subjetividade está uma sexualidade ativa. Cabe lembrar que, em sua terceira fase, Foucault estudou a construção de uma verdade sobre o sujeito, tratando da subjetividade a partir da sexualidade.

Assim, considera-se que as sequências enunciativas submetidas à análise emergem no interior de um dispositivo da sexualidade, que produz saberes sobre o sujeito idoso.

SE 1 9 artifícios que tornam o sexo possível e mais gostoso na 3ª idade

SE2 Os anos 70, a nova era de ouro ... também para relações sexuais

SE 3 Em cena: amor e sexo...para os mais velhos

SE4: Depois dos “ENTA” ... experimenta: Gel Lubrificante Íntimo

A SE1 foi retirada do blog *50 e mais* - publicada originalmente no site Uol. Trata-se de um artigo escrito por uma jornalista com base em informações concedidas por médicos urologista, ginecologista, geriatra e psicólogo. O texto é ilustrado com a seguinte imagem:

Figura 20 - 9 artifícios que tornam o sexo possível e mais gostoso na 3ª idade

9 ARTIFÍCIOS QUE TORNAM O SEXO POSSÍVEL E MAIS GOSTOSO NA 3ª IDADE



É preciso aceitar e se adaptar à sua condição atual, inclusive no que diz respeito à imagem corporal, que pode e deve ser positiva. O que importa é que a transa seja gostosa e dentro dos limites de cada pessoa

Fonte: Blog *50 e mais*

A idosa autora do blog, antes de publicar o texto, deixa o seguinte comentário:

Figura 21 - 9 artifícios que tornam o sexo possível e mais gostoso na 3ª idade

Maya Santana, 50emais

Volta e meia eu falo aqui no 50emais da importância, do quão saudável é a atividade sexual na terceira idade. Parece inacreditável, mas muita gente pensa que, se a mulher passou dos 60 anos, não tem mais desejo sexual, fecha esse departamento da sua vida. Essa situação pode ser verdadeira para certas mulheres, mas a maioria continua tendo desejo, continua tendo tesão. E como estamos vivendo mais, as pessoas estão se relacionando sexualmente até mais velhas. Para estas pessoas, estou postando este artigo de Heloísa Noronha, do Uol, com dicas para tornar mais fácil, mais relaxado o encontro de duas pessoas mais velhas na cama.

Fonte: Blog *50 e mais*

A voz de especialistas no assunto marca o campo associado do qual se vale o dispositivo da sexualidade para, nesses discursos, explicar aos idosos de que maneira é possível continuar mantendo relações sexuais nessa fase da vida. A imagem de dois idosos felizes sugere a possibilidade de viver a sexualidade na velhice. O artigo é constituído de

vozes legitimadoras sobre o tema, que conferem visibilidade à vontade de verdade que dá sustentação a essa prática jornalística que vincula sexo à velhice. Isso pode ser observado nos trechos a seguir:

Figura 22 - 9 artifícios que tornam o sexo possível e mais gostoso na 3ª idade

Aceitação das limitações

Não se trata apenas de disposição e vigor físico. Por mais que as pessoas tenham desenvolvido hábitos saudáveis ao longo da vida, o envelhecimento provoca mudanças no organismo que impedem praticar os mesmos malabarismos e ter o mesmo fôlego da juventude. Alguns medicamentos, inclusive, acabam afetando a ereção, a lubrificação feminina e a libido. Com os cuidados adequados, porém, nenhum idoso é privado de ter uma vida sexual prazerosa – e aqui cabe lembrar que sexo não é só penetração e orgasmo, certo?

Nada de comparações com o passado

Livrar-se da pressão de ter a mesma performance da juventude pode ser libertador, porque trata-se de uma competição inútil e injusta. Há uma queda hormonal natural para homens e mulheres, o que influencia também no desempenho. É preciso aceitar e se adaptar à sua condição atual, inclusive no que diz respeito à imagem corporal, que pode e deve ser positiva. O que importa é que a transa seja gostosa e dentro dos limites de cada pessoa.

Fonte: Blog *50 e mais*

Esses enunciados circulam na contramão de um saber de que o idoso não teria vida sexual, por fazer emergir a figura do “novo idoso” como aquele que tem uma vida sexual ativa. Contudo, tais enunciados são atravessados por outros que demonstram que a vida sexual entre os idosos ainda é um tabu, o que pode ser notado quando a idosa responsável pelo blog diz “parece inacreditável”, e “as pessoas estão se relacionando sexualmente até mais velhas”, e quando a jornalista, com base nas informações concedidas por especialistas, divulga que “o envelhecimento provoca mudanças no organismo que impedem praticar os mesmos malabarismos e ter o mesmo fôlego da juventude”, e “Livrar-se da pressão de ter a mesma performance da juventude pode ser libertador, porque trata-se de uma competição inútil e injusta. Há uma queda hormonal natural para homens e mulheres, o que influencia também no desempenho. É preciso aceitar e se adaptar à sua condição atual, inclusive no que diz respeito à imagem corporal, que pode e deve ser positiva. O que importa é que a transa seja gostosa e dentro dos limites de cada pessoa”. Observa-se que os discursos acerca da temática, quando envolvem os idosos, não circulam de forma a tratar essa atividade como natural, posto que seria preciso utilizar de artifícios para que o sexo fosse possível. Nesse

sentido, aciona-se uma memória que atrela a vida sexual somente aos jovens, construindo um significado de que, apesar de os idosos se relacionarem sexualmente, não é algo totalmente naturalizado. Os saberes sobre o sexo e a sexualidade atravessam os discursos na/pela linguagem produzindo efeitos específicos e múltiplos que incidem sobre os corpos, objetivando/subjetivando-os.

A SE2 está contida no blog *Viva a Velhice* e foi retirada de um artigo publicado originalmente por um sexólogo no jornal El País. Em um dos trechos apresentados está enunciado que:

Figura 23 - Os anos 70, a nova era de ouro ... também para relações sexuais

Chegamos a uma idade em que a hipoteca é paga, os filhos terminam e os netos começam a andar sozinhos. Ainda temos muito tempo em boa saúde, em que temos investido desde que nascemos. Crescemos com novelas de rádio e hoje navegamos com facilidade pelas redes sociais com as quais não estamos apenas em contato com as nossas, mas podemos expandir nosso círculo de amigos. Nós sobrevivemos a vida toda e hoje, finalmente, nosso único objetivo é ser feliz.

É o nosso momento.

A concepção da velhice foi deixada para trás como a involução fechada em casa, a partir do simples acúmulo de anos como uma doença que tinha que ser escondida. Avós dando um beijo na bochecha e mão ternamente como o principal exemplo da sexualidade na velhice ... que os limites de idade para a capacidade de dar e receber prazer, no sentido mais amplo.

Que a velhice não é moda não significa que você tem que se esconder, e, de fato, quando quem nos tem acompanhado ao longo da vida nos deixa, ele abre uma ampla gama de possibilidades para continuar nosso caminho com uma qualidade de vida comparável ao de qualquer adulto que acabou de terminar um relacionamento.

Como casal, a evolução dos anos com as obrigações inerentes de cuidar dos filhos, o crescimento econômico e social da família e a logística do dia-a-dia geralmente deixam uma marca na vida sexual e afetiva. E quando chegamos a essas eras tudo é tão previsível e simples que a chama quase se apagou, quando toda a paixão da menopausa não desapareceu.

Fonte: Blog *Viva a Velhice*

O funcionamento discursivo das sequências enunciativas chama a atenção para o fato de reproduzirem saberes e sentidos cristalizados/naturalizados em nossa sociedade com relação à vida sexual dos idosos. Nesse sentido, pode-se apontar como referencial dessa sequência enunciativa o fato de a sexualidade nesta fase da vida ainda ser considerada um tabu, algo que já não funciona mais de forma natural como na juventude - não só por conta de fatores fisiológicos, mas culturais, posto que, embora observa-se nos demais enunciados que há uma nova objetivação acerca da sexualidade dos idosos (práticas que incentivam a manutenção do sexo na terceira idade), ainda há uma construção cultural que enxerga o sexo feito pelos idosos de forma preconceituosa e vexatória.

A SE3 foi retirada do *Portal do Envelhecimento*, cujo texto foi assinado pela Redação, tendo como referências literaturas que tratam sobre o tema. No texto, é abordada a trajetória de novelas que falam sobre a sexualidade na terceira idade.

Quando o autor afirma que “a evolução segue seu curso com outra novela”, é possível notar que a objetivação do novo idoso, que é ativo e realiza as mesmas atividades de quando

era jovem, é acompanhada por discursos que ainda concebem o sujeito que tem a vida sexual ativa como alguém fora do normal, o que pode ser notado no seguinte trecho: “Se querem saber, eu transei, sim. E para encerrar as especulações, funcionou! Funciona e deve funcionar outras vezes”, responde Bernarda ao ser interrogada pela filha Pilar e pelo neto Félix. “Mas como Pilar não aceita a situação, ela esbraveja: “Precisava ter sexo, mamãe? Eu acho um pouco inconveniente. Na sua idade? Eu não me conformo!”. Esse discurso tem como efeito a tentativa de se romper com a figura estereotipada do idoso, pois mostra uma idosa que fala sobre sexo, e não se trata de uma sexualidade vivenciada dentro de um casamento, mas com um namorado. Ao publicar esse conteúdo, os profissionais do Portal do Envelhecimento incidem sobre os idosos leitores a objetivação deste novo idoso, que, inclusive, tem vida sexual ativa, e não necessariamente no dispositivo do casamento.

A SE4, retirada do portal *Viver depois dos 50*, é original do site de notícias Uol. Também neste texto é possível notar que a objetivação de um novo idoso, que tem vida sexual ativa, divide espaço com a concepção de uma pessoa idosa que, apesar de vivenciar o que até então era reservado somente aos mais jovens, tem suas necessidades e particularidades, como, no caso das mulheres, a chegada da menopausa. Isso é notado nos trechos:

Figura 24 - Depois dos “ENTA”... experimenta: Gel Lubrificante Íntimo

Em post anterior – **O que precisamos saber sobre climatério e Menopausa** – tocamos em assunto tão íntimo e delicado como a dificuldade de manter a lubrificação vaginal no ato sexual, após a menopausa.

É preciso encarar os fatos, reconhecer-se como uma mulher em outra fase da vida – menopausa – e poder usar criatividade, segurança e maturidade para ser feliz.

Embora tenhamos participado de todo o movimento de libertação dos anos 60 ainda somos uma geração em que o sexo foi cercado de preconceitos. Falar sobre isso é difícil para muitas mulheres com mais de 50 anos.

Fonte: Portal *Viver depois dos 50*

Nos trechos, o saber médico marca o campo associado do qual se vale o dispositivo da sexualidade para explicar às mulheres quem elas são por meio da sexualidade. O referencial é a sexualidade feminina ligada à sua satisfação pessoal, e o efeito produzido advém de um saber que relaciona um bom desempenho sexual ao fato de a mulher se sentir bem consigo própria. A cultura do “cuidado de si”, da qual fala Foucault (2005), manifesta-se nesse

discurso como um cuidado também do corpo, não somente da alma, ou seja, trata-se de uma prática atravessada pelo discurso da sexualidade que conduz a mulher a conhecer seu corpo e descobrir maneiras de manter e aumentar seu prazer sexual na velhice. A autora do portal, ao publicar este conteúdo, se subjetiva, ao mesmo tempo, como uma nova idosa, que pode e deve buscar o prazer sexual nesta fase da vida, mas ainda mantendo traços do que seria o idoso tradicional, que precisa “encarar os fatos” e reconhecer-se “na pele” de alguém que já não é jovem e precisa buscar meios e alternativas para que consiga adotar a prática sexual na terceira idade.

Retomando as práticas discursivas de exclusão tratadas por Foucault (2014): interdição, ou seja, a palavra proibida, a rejeição e a vontade de verdade, pode-se compreender que a sexualidade é um campo fecundo para a materialização dos procedimentos de exclusão. Ainda há discursos que produzem um efeito de esforço em busca de uma separação entre o que é normal/anormal, moralmente aceito ou não. Nesse caso, propaga-se uma ideia de que não é preciso se submeter aos padrões sociais impostos de que se abster de uma vida sexual é anormal - mesmo quando as práticas atuais buscam objetivar o idoso para a continuidade de uma vida sexual. Entretanto, esses sujeitos podem sentir-se incluídos ou excluídos, conforme suas condições e necessidades particulares para adotarem ou não essa condição.

CONSIDERAÇÕES

A partir do movimento analítico realizado com base nos conteúdos veiculados nos portais e blogs selecionados, é possível considerar que dividem espaço duas formas de objetivação e subjetivação sobre o sujeito idoso: a “nova” e a “velha”. Nessa perspectiva, a objetivação do “novo idoso” é oriunda de uma ampla produção discursiva, que aponta para modos de subjetividade constituídas por meio de práticas que incluem ser ativo, social, saudável, buscar maneiras de manter traços característicos da juventude, ter vida sexual ativa e dominar as tecnologias, distantes, portanto, cada vez mais, da concepção convencional de idoso como sujeito doente, inerte e dependente.

Por meio das sequências enunciativas mobilizadas para a análise pode-se perceber que os portais e blogs selecionados para a pesquisa mostram a objetivação “nova” de idoso, na medida em que veiculam conteúdos que retratam e incentivam esse sujeito a cuidar da saúde para que possa usufruir dos benefícios do aumento da expectativa de vida de forma ativa e, inclusive, por meio de mecanismos e uso de ferramentas comumente destinadas aos jovens, como o computador. Sequências enunciativas como *“Pesquisa revela que idosos estão mais preocupados com a aparência”*, e *“Os anos 70, a nova era de ouro ... também para relações sexuais”* objetivam os idosos como sujeitos ativos de forma física e sexual. Contudo, as análises das sequências enunciativas apresentam ainda a objetivação do idoso “velho”, como na sequência *“Aos 100, dona Manira está com a memória melhor do que a minha”*, que remete ao imaginário de que é surpreendente alguém com essa idade ainda ter a memória preservada. Em sequências como *“Artifícios que tornam o sexo possível e mais gostoso na 3ª idade”*, *“Depois dos “ENTA” ... experimenta: Gel Lubrificante Íntimo”*, *“Não são as nossas rugas que nos fazem parecer mais velhas”*, *“Cada vez mais mulheres fazem opção por não pintar o cabelo”*, *“Corpo saudável e bonito no verão: Como a alimentação pode ajudar”*, é possível notar a incidência destas duas formas de objetivação, na medida em que, concomitantemente, representam e fazem circular um discurso de incentivo à manutenção da saúde, vitalidade, jovialidade e sexualidade, mas também demonstram que a constituição de um idoso da contemporaneidade é marcada por traços ainda estereotipados a respeito da velhice, incentivando, inclusive, a busca por maneiras de manter traços característicos da juventude.

Cabe ressaltar os efeitos das relações de poder e saber que incidem sobre os sujeitos idosos, especialmente o poder médico e midiático, cujo discurso assume um tom prescritivo, reforça e dá visibilidade às duas manifestações de objetivação.

Por estarem marcadas nos discursos as objetivações de “novo” e “velho” idoso, os indivíduos adotam para si as práticas que ditam a eles modos de ser e agir, de forma a assumirem a subjetivação “nova” ou “velha”. Quando o idoso assume esse discurso e passa a se ver tal como os discursos falam sobre ele (tanto quando ele mesmo produz o conteúdo, quanto quando replica materiais de outros profissionais ou veículos), considera-se estar diante de um processo de subjetivação. Contudo, no percurso analítico em questão, é preciso se ater ao fato de que em apenas uma das plataformas os conteúdos são inteiramente produzidos e veiculados por profissionais que não são idosos (*Portal do Envelhecimento*). Os demais portais e blogs são de responsabilidade de idosos, que tanto produzem seus próprios conteúdos, quanto reproduzem notícias de profissionais e instituições. Diante disso, considera-se que nos casos em que os idosos apenas reproduzem conteúdos que falam sobre eles, estão se subjetivando, em função da escolha por veicular e publicar determinado texto ou notícia.

Importa salientar que a história foucaultiana apresenta descontinuidades, movências e rupturas quanto à constituição da subjetividade. Portanto, é necessário pensar que é no interior dessa descontinuidade que o sujeito se apresenta de forma plural, inacabado. A subjetividade do jovem e do idoso, por exemplo, não é discursivizada do mesmo modo nas diversas temporalidades e cronologias. Os discursos são retomados ou transformados no curso da história - o que aponta para novas produções de verdades, formas de objetivação e subjetivação. É possível pensar, de um lado, na discursividade que intenta romper com a regularidade e a ordem social do sujeito idoso aprisionado a concepções tradicionais de alguém inutilizado, doente, incapaz, alheio e desconectado, concomitantemente à discursividade que, para romper com essa regularidade, incide um exercício de poder sobre este corpo.

Desse modo, observa-se que, de forma geral, as publicações demonstram o mesmo objetivo: promover um envelhecimento saudável e ativo, com idosos que, inclusive, dominam as tecnologias, o que contradiz uma memória histórica associada às imagens que se tem dos idosos como sujeitos com problemas de saúde, inertes, sem disposição e alheios às tecnologias. Esse discurso se materializa em publicações como no "*Portal do Envelhecimento*", por exemplo, no trecho "*As tecnologias digitais podem facilitar a*

comunicação e a manutenção da relação social do idoso com amigos e familiares quando a tendência é o isolamento e o distanciamento da rede social. Podem também permitir que o sujeito idoso permaneça por mais tempo em sua casa e com mais segurança". Isso mostra que os sentidos se constroem com base em uma memória histórica; no caso, ao mesmo tempo em que se circula um discurso de que os novos idosos são capazes e devem utilizar as novas tecnologias, retoma-se o discurso que os representa enquanto sujeitos que necessitam de calma e repouso. Ou seja, o enunciado do idoso ativo e do novo idoso é atravessado por outros enunciados, históricos.

Há, portanto, nas publicações, uma regularidade que aponta para o enunciado de que o idoso precisa ser ativo, cuidar da aparência e vivenciar a sexualidade. Entretanto, são retomados saberes históricos que demonstram que há práticas discursivas que estabelecem o que se espera desse sujeito, e não verdadeiramente como esse sujeito se enxerga, já que, ao mesmo tempo em que ele faz circular a importância de se deixar para trás uma visão estereotipada do sujeito idoso, é reforçada tal concepção. Ao mobilizar-se a noção de Campo Associado (FOUCAULT, 2008), temos que esses discursos são atravessados por saberes oriundos de campos diversos, mas que apontam para uma mesma direção: manter os idosos saudáveis, ativos sociais, econômica e sexualmente, e com uma aparência que neutralize ao máximo os efeitos do tempo. Cabe lembrar que na perspectiva foucaultiana o sujeito discursivo é fruto de uma relação de poder-saber e, deste modo, torna-se sujeito de discurso quando assume uma posição discursiva. Neste sentido, o discurso do sujeito idoso sobre si se constitui com base em múltiplas práticas de objetivações que tem como alvo estes sujeitos - que em alguns momentos se apropriam dessas práticas, e em outros, resistem a elas, subjetivando-se.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? In: AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? E outros ensaios. **Outra travessia**, Santa Catarina, n.5, p.9-16, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12576>. Acesso em: 15 abr. 2019.
- ARAÚJO, Inês Lacerda. Foucault, um arqueogenealogista do saber, do poder e da ética. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, n.35, p. 37-55, abr. 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/25396>. Acesso em: 15 abr. 2019.
- BAZZA, Adéli Bortolon. A constituição da subjetividade no discurso do idoso sobre si. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 16, n. 3, p. 449-464, set./dez. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ld/v16n3/1518-7632-ld-16-03-00449.pdf>. Acesso em: 10 out. 2018.
- BAZZA, Adéli Bortolon; NAVARRO, Pedro. Discursos sobre o idoso: sexualidade e subjetividade. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 19, n.2, p. 239-309, maio/ago.2019. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/6665/4471. Acesso em: 20 jul. 2019.
- CARDOSO JR, Hélio Rebello. Para que serve uma subjetividade? Foucault, tempo e corpo. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p.343-349, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n3/a08v18n3.pdf>. Acesso em: 10 out. 2018
- DEBERT, Guita. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Fapesp, 1999.
- DEBERT, Guita. A construção e a reconstrução da velhice: família, classe social e etnicidade. In: NERI, Anita Liberalesso; DEBERT, Guita Grin. (org.). **Velhice e sociedade**. Campinas, SP: Papyrus, 1999.
- DIAS, Cristiane. Análise do discurso digital: sobre o arquivo e a constituição do corpus. **Revista Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 44, n. 3, p. 972-980, set./dez.2015. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1030/611>. Acesso em: 20 jul. 2019.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Trabalhar com Foucault**: arqueologia de uma paixão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Campinas: Loyola, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **História da loucura**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade III**. O cuidado de si. São Paulo: Graal, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 9. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2010.

FOUCAULT, Michel. O cuidado com a verdade. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos & Escritos V: Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

GASTALDO, Denise. É a educação em saúde “saudável”? Repensando a educação em saúde através do conceito de bio-poder. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 147-168, jan./jun. 1997. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71469/40545>. Acesso em: 12 dez.2018.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do Discurso: lugar de enfrentamentos teóricos. In: FERNANDES, Cleudemar Alves.; SANTOS, João Bosco Cabral. (org.). **Teorias linguísticas: problemáticas contemporâneas**. Uberlândia: UFU, 2003.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Michel Foucault: o discurso nas tramas da História. In: FERNANDES, Cleudemar Alves.; SANTOS, João Bosco Cabral (org.). **Análise do Discurso. Unidade e Dispersão**. Uberlândia: Entremeios, 2004, p. 19-42.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Identidade: objeto ainda não identificado? Revista **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 6, n.1, p. 81-97, jun. 2008. Disponível em: <http://estudosdalinguagem.org/index.php/estudosdalinguagem/article/view/88>. Acesso em: 20 fev.2019.

GREGOLIN, Mária do Rosário. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo: vol. 4, n.11, p.11-25, nov.2007. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/105/106>. Acesso em: 12. jun.2019.

MACHADO, Roberto. Por uma Genealogia do Poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

NAVARRO, Pedro; BAZZA, Adélli Bortolon. A subjetivação do “novo idoso” em textos da mídia. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista v. 10, n. 2, p. 143-159, dez.2012. Disponível em: <http://www.estudosdalinguagem.org/index.php/estudosdalinguagem/article/viewFile/257/326>. Acesso em: 20 jul. 2019.

NAVARRO, Pedro. Dispositivo e governo da velhice no discurso da web. **Revista da ABRALIN**, v. 14, n.2, p. 193-315, jul./dez.2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/42562/25819>. Acesso em: 20 jul. 2019.

NAVARRO, Pedro. O Texto como objeto de análise discursiva: questões de sentido, memória e autoria. In: ANTONIO, J. D.; NAVARRO, Pedro. (org.). **O Texto como objeto de ensino, de descrição linguística e de análise textual e discursiva**. Maringá: Eduem, 2009. p. 123-136.

ORTEGA, Francisco. **O corpo incerto**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In: BARROS, Myriam Moraes de. (org.). **Velhice ou terceira idade?** Rio de Janeiro: FGV, 1998.

PORTAL DO ENVELHECIMENTO. Portal do envelhecimento: **sua rede de comunicação e solidariedade**. Disponível em: <http://www.portaldoenvelhecimento.com.br/>. Acesso em: 6 ago. 2019.

RAGO, Margareth. O efeito-Foucault na historiografia brasileira. Tempo Social; **Rev. Sociol.** São Paulo, 7(1-2): 67-82, out. 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v7n1-2/0103-2070-ts-07-02-0067.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2018.

SANTOS, Daniel Kerry; LAGO, Mara Coelho de Souza. O dispositivo da idade, a produção da velhice e regimes de subjetivação: rastreamentos genealógicos. **Psicol. USP**, v.27, n.1, jan./abr. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v27n1/1678-5177-pusp-27-01-00133.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2018.

SCHNEIDER, Rodolfo Herberto; IRIGARAY, Tatiana Quarti. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Estudos de Psicologia I**, Campinas I, v. 25, n.4, p. 585-593, out./dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v25n4/a13v25n4.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2018.

SOARES, Flávia Maria de Paula. O conceito de velhice: da gerontologia à psicopatologia fundamental. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, VIII, 1, 86-95. ano VIII, n. 1, mar/2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v8n1/1415-4714-rlpf-8-1-0086.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2018.

SOUSA, Katia Menezes. A história da sexualidade e outras histórias do presente. In: MARQUES, Welissom.; CONTI, Maria Aparecida.; FERNANDES, Cleudemar Alves (org.). **Michel Foucault e o discurso: aportes teóricos e metodológicos**. Uberlândia: EDUFU, 2013, p. 197-215.

TÓTORA, Silvana. Ética da vida e o envelhecimento. In: CÔRTE, Beltrina.; MERCADANTE, Elisabeth Frohlich.; ARCURI, Irene Gaeta. **Envelhecimento e velhice: um guia para a vida**. Campinas: Vetor, 2006.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história**. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

VEYNE, Paul. **Foucault: seu pensamento, sua pessoa**. Trad. de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

VIVA A VELHICE. **Um blog para todas as idades**. Disponível em: <http://www.vivaavelhice.com.br/>. Acesso em: 6 ago. 2019.

VIVER DEPOIS DOS 50. **Os melhores anos da vida**. Disponível em: <https://viverdepoisdos50.com/>. Acesso em: 6 ago. 2019.

50 E MAIS. **Vida adulta inteligente.** Disponível em: <http://www.50emais.com.br/>. Acesso em: 6 ago. 2019.